Criações fluídicas:
Um Breve Ensaio

Paulo Neto

Criações fluídicas: um breve ensaio

(Versão 20)

“Há, pois, o mundo corpóreo visível com os objetos materiais, e o mundo fluídico, invisível para nós, com os objetos fluídicos.” (ALLAN KARDEC)

“*O mundo invisível é um campo ainda novo de observações e seríamos presunçosos se pretendêssemos haver sondado todas as suas profundezas, quando incessantemente novas maravilhas se ostentam aos nossos olhos.*” (ALLAN KARDEC)

Paulo Neto

Copyright 2022 *by*

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa:

https://www.institutofreedom.com.br/blog/wp-content/uploads/2015/12/sonhos_importancia-1.jpg

Revisão:

Artur Felipe Azevedo

Hugo Alvarenga Novaes

Thiago Toscano Ferrari

Vladimir Alexei

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, out/2022.

Sumário

Prefácio.....4

Introdução.....6

A Ciência diante das novidades e revelações espíritas.....11

Obras da Codificação Espírita.....17

Obras posteriores às da Codificação.....100

Século XX, o pesquisador que se utilizou do método kardeciano.....110

As aparições de animais seriam tão-somente criações fluídicas?.....129

Os alimentos no mundo espiritual.....146

A visão de Santa Teresa d’Ávila.....150

Conclusão.....159

Referências bibliográficas.....162

Dados biográficos do autor.....167

Prefácio

Paulo Neto, estimado e despretensioso pesquisador espírita, traz em sua essência a responsabilidade que faz parte da vida de um homem de bem. Sentimo-nos muito felizes com seu comprometimento.

Conhecer e estudar “Criações fluídicas: um breve ensaio” é, sem dúvida, o descortinar de uma visão tímida que ainda possuímos sobre esse interessante tema.

A obra apresentada por Paulo Neto permite que a apreciemos diante de fontes de pesquisas absolutamente seguras.

Certamente, finda a leitura do texto, encontraremos o que necessitamos para a compreensão do tema apresentado, levando-nos a uma lógica racional da vida do ser.

Realizar a leitura, estudar e meditar em torno

do tema é uma valiosa oportunidade de crescimento e evolução espiritual.

Neusa Nazaré de Moura

Belo Horizonte, 14/nov/2022

Introdução

O tema “criações fluídicas” é recorrente entre os estudiosos espíritas, embora seja bem fácil notar que, entre eles, não há concordância sobre o que elas seriam, porquanto, alguns somente as veem levando-se em conta dois pontos:

1º) como são formadas; e

2º) quanto ao aspecto de sua “durabilidade”.

Isso sem falar naqueles que não admitem nenhum tipo de construção no mundo espiritual, como se os Espíritos só “materializassem” o produto dos seus pensamentos na esfera física com a matéria própria do mundo em que se encontram encarnados.

Na questão 36, de *O Livro dos Espíritos*, os instrutores afirmaram que, em relação ao espaço universal, “*Nada é vácuo. O que te parece vazio está ocupado por* ***uma matéria que escapa aos teus***

sentidos *e aos teus instrumentos.*” ([1]) Então, de certa forma, por mais paradoxal que possa parecer para alguns, estamos “mergulhados” na matéria cósmica.

De *O Livro dos Médiuns*, capítulo “XXVII – Contradições e mistificações”, no item 301, destacamos a seguinte frase da questão 4: “*Como quereis chegar à verdade, interpretando tudo segundo as vossas ideias acanhadas, que tomais por grandes ideias?*” ([2]) Infelizmente, é o que se aplica a alguns de nós, ao acharmos que só o nosso pensamento é que está certo.

É oportuno lembrarmos que Allan Kardec (1804-1869) concordou com as informações dos Espíritos a respeito dos habitantes de Júpiter, assim como da existência de construções nesse orbe.

O que acontece é que poucos deles se deram conta de que, para a nossa Ciência, esse planeta é gasoso e não tem superfície, conforme informação de Seth Pincock e Katie Chamberlain, no artito “Júpiter – temperatura, composição e fatos interessantes”, publicado no siite Study.com ([3]),

portanto, teoricamente, não teria como existir nele habitantes e muito menos edificações.

Dissemos isso para destacar o fato indiscutível de que ninguém conhece todos “os segredos” da Natureza, assim, é bem óbvio que não age com sabedoria os que querem de impor algum limite às suas leis.

No ***Dicionário de Filosofia Espírita***, temos a seguinte definição:

> FLUÍDICO, Relativo ou semelhante a fluido, fluidal, fluido; diz-se, em Espiritismo, de certos corpos ou energias que formam sombras, espectros impalpáveis, mas que podem ser captados pela fotografia. Impalpável. Inatingível. Esta palavra entrou no uso comum da linguagem por influência dos fenômenos espíritas. Trata-se de um neologismo: *corpo fluídico* ou *perispírito*. ([4]) (caixa alta e itálico do original)

Allan Kardec, em ***O Livro dos Espíritos***, item 257, disse:

> O perispírito é o laço que une o Espírito à matéria do corpo; ele é **tirado do meio**

> **ambiente, do fluido universal**. [...] Poder-se-ia dizer que **é a quintessência da matéria**. ([5]) (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Em "Vocabulário Espírita", inserido na obra *Instrução Prática Sobre as Manifestações dos Espíritos*, lemos: "*Fluídico – oposto a sólido. Qualificação dada aos Espíritos por alguns escritores* ***para caracterizar-lhes a natureza etérea***" ([6]).

Entendemos que os objetos formados por criação fluídica, de igual modo, têm sua matéria quintessenciada retirada do fluido universal, portanto, não é algo tipo "fumaça" e nem mesmo "*imagem refletida em espelho*", como parece ser a alguns.

Hermínio C. Miranda (1920-2013), destacado escritor e pesquisador espírita, na "Introdução" de ***O Livro dos Espíritos***, pela Mundo Maior, esclareceu que:

> [...] Se assim fosse, [a Doutrina Espírita]

> estaria em contradição consigo mesma, de vez que a evolução é de sua própria essência. Sempre haverá, portanto, em torno dela, regiões pouco exploradas e até ignoradas à espera de estudo. É necessário, sim, preservar a pureza doutrinária, mas não sufocá-la em uma redoma que lhe retire o oxigênio do qual necessita para interagir com o que se passa à sua volta. Ela é o nosso instrumento de trabalho, de aferição e de busca. […]. ([7])

Inicialmente veremos se nas obras da Codificação existe algo com que se possa estabelecer um entendimento comum. Depois pesquisaremos nas de autores espíritas clássicos e atuais.

A Ciência diante das novidades e revelações espíritas

Antes de adentrarmos no tema das criações fluídicas vamos dar duas palavrinhas sobre a questão ser preciso a Ciência dar respaldo às novidades e revelações espíritas, como advogam alguns confrades.

Apresentaremos duas opiniões, sem identificar os seus autores, pois isso é irrelevante, uma vez que o falaram representa a opinião de muitos. É o teor delas que nos interessa:

> 1ª) Entendo que a questão não é se está ou não na obra de Kardec, mas se a suposta teoria nova entra ou não **em contradição com a ciência estabelecida** e quais os métodos e razões para ficarmos com o novo.
>
> 2ª) Não é válido, também, propor hipóteses que **não tem respaldo doutrinário ou científico**.

No item VII da “Introdução” de ***O Livro dos Espíritos***, Allan Kardec deixa bem claro para todos nós que:

> [...] **A Ciência propriamente dita, como ciência, é, pois, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo**: não tem que se ocupar com isso e seu julgamento, seja qual for, favorável ou não, nenhum peso poderá ter. [...]. Vê-se, portanto, que **o Espiritismo não é da alçada da Ciência**.
>
> [...].
>
> Repetimos ainda que, se os fatos com que nos estamos ocupando se houvessem restringido ao movimento mecânico dos corpos, a pesquisa da causa física desse fenômeno entraria no domínio da Ciência. **Como, porém, se trata de uma manifestação fora do âmbito das leis da Humanidade, ela escapa à competência da ciência material**, porque não pode ser explicada por algarismos, nem por uma força mecânica. **Quando surge um fato novo, que não tem relação com nenhuma ciência conhecida**, o sábio, para estudá-lo, **deve fazer abstração de sua ciência e dizer a si mesmo que se trata de um estudo novo, impossível de ser feito com ideias preconcebidas**. ([8])

Em mensagem registrada em *O Livro dos Médiuns*, o Espírito Lamennais disse que *"A Ciência ainda não sabe bastante, porém lá chegará, se quiser marchar com o Espiritismo."* ([9]), embora tenha dito em relação ao perispírito, sem dúvida, poderemos ampliar essa assertiva para quase todos os princípios doutrinários.

Em ***A Gênese***, capítulo "I – Caráter da revelação espírita", item 55, Allan Kardec, não fechou as portas à Ciência, ao dizer que:

> *Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque,* ***se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto****. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará*. ([10]) (itálico do original)

Aqui, portanto, o Codificador dá valor à Ciência. Devemos abraçá-la quando alguma novidade for de encontro a algo já conhecido e provado por ela e que, obviamente, tenha viés espiritualista e não na visão materialista ainda

vigente em seus anais.

Vejamos agora quanto à questão do respaldo doutrinário. Tomaremos do capítulo *"O Espiritismo não se resumo às obras de Allan Kardec"* do nosso ebook ***O Espiritismo Ainda Não Tem Ponto Final*** ([11]), o seus parágrafos iniciais.

Início transcrição:

Infelizmente no movimento espírita brasileiro encontramos inúmeros confrades que agem como se Allan Kardec tivesse falado tudo sobre o Espiritismo e, em razão disso, nada mais seria colocado após ele. Ledo engano!

Aliás, vamos demonstrar que ele jamais pensou dessa forma, trazendo o seguinte trecho do artigo "O Moinho de Vicq-sur-Nahon", publicado na ***Revista Espírita 1867***, mês de abril:

> [...] **estamos longe de conhecer todas as leis que regem o mundo invisível**, todas as forças que este mundo encerra, todas as aplicações das leis que conhecemos. **O Espiritismo não disse ainda a sua última palavra, muito longe disto**, não mais sobre as coisas físicas do

> que sobre as coisas espirituais. **Muitas das descobertas serão o fruto de observações ulteriores**. O Espiritismo não fez, de alguma sorte, até o presente, senão colocar os primeiros degraus de uma ciência cuja importância é desconhecida. **Com a ajuda do que já descobriu, ele abre àqueles que virão depois de nós o caminho das investigações numa ordem especial de ideias.** Não procede senão por observações e deduções. Se um fato é constatado, se diz que ele deve ter uma causa, e que esta causa não pode ser senão natural, e então ele a procura. Na falta de uma demonstração categórica, pode dar uma hipótese, mas até a confirmação, não a dá senão como hipótese, e não como verdade absoluta. [...]. ([12])

Na ***Revista Espírita 1868***, mês de dezembro, o Codificador publica o texto designado de "Constituição Transitória do Espiritismo". Do tópico VII – Atribuições da Comissão, destacamos a seguinte atribuição da Comissão Central: "*2º* ***Estudo dos princípios novos, suscetíveis de entrarem no corpo da Doutrina****;*" ([13]) Julgamos tratar-se de algo que é completamente ignorado no movimento espírita.

Mesmo diante de posições tão claras do Codificador, vemos que nada é aceito se não constar de suas obras, demonstração evidente de falta de aprofundamento doutrinário de grande parte dos espíritas.

Fim transcrição.

Certamente, não será preciso dizer que qualquer novidade ou revelação deverá passar pelo crivo do Controle Universal do Ensinamento dos Espíritos, conforme orientação do Codificador.

Obras da Codificação Espírita

As que consideramos como tais são apenas as obras publicadas por Allan Kardec, cujos textos provêm do ensino dos Espíritos superiores, somados aos que são produto de sua própria experiência, quando do período de elaboração dos princípios da Doutrina Espírita.

A resposta à questão 36 de ***O Livro dos Espíritos*** que aparentemente não tem nada relacionado ao nosso tema, mas é preciso citá-la para estabelecer um ponto de partida importante:

> 36. *O vácuo absoluto existe em alguma parte no Espaço universal?*
>
> "Não, nada é vácuo. **O que te parece vazio está ocupado por uma matéria que escapa aos teus sentidos e aos teus instrumentos**." ([14])

Se o Espaço Universal, morada dos Espíritos desencarnados, também é de matéria, então por que

a surpresa em que eles a possam utilizar de acordo com as suas necessidades?

É necessário relembrar a resposta que os Espíritos superiores deram explicando o que seria "matéria", que consta de ***O Livro dos Espíritos***:

> 22. *Define-se geralmente a matéria como aquilo que tem extensão, que pode impressionar os nossos sentidos, que é impenetrável. Essas definições são exatas?*
>
> "Do vosso ponto de vista são exatas, porque não falais senão do que conheceis. Mas **a matéria existe em estados que vos são desconhecidos. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que nenhuma impressão vos cause aos sentidos. Contudo, é sempre matéria, embora para vós não o seja**." ([15]) (itálico do original)

Como acabamos de dizer, compreendemos que a expressão "*criações fluídicas*" não significa algo tipo "*imagem no espelho*", mas alguma coisa de material, embora, em algumas circunstâncias, não a possamos ver. Disseram os Espíritos a Allan Kardec: "*a matéria existe em estados que vos são*

desconhecidos”, portanto, usando de um provérbio português ([16]), diremos que não devemos ser “mais realista que o rei”,

As criações fluídicas são produzidas pelo pensamento e vontade, ainda que inconsciente, dos Espíritos, cuja duração tem relação direta com o elemento material utilizado na sua produção e também de acordo com a elevação do agente e da necessidade e/ou utilidade delas.

Na listagem das obras a seguir, na medida do possível, será respeitada a ordem cronológica de publicação, para que possamos ter uma linha do tempo das informações a respeito do tema.

1ª) ***Revista Espírita 1859***

Do artigo “Mobiliário de além-túmulo”, publicado no mês de agosto, transcrevemos o trecho que Allan Kardec extraiu de uma carta que lhe foi enviada do departamento de Jura (França). Vamos dividi-la em duas partes para poder inserir as perguntas respondidas por São Luís:

a) Objeto: cachimbo

> "... Eu vos disse, Senhor, que a nossa antiga habitação era amada pelos Espíritos. No mês de outubro último (1858), a senhora condessa de C., amiga íntima de minha filha, veio passar alguns dias em nosso solar com seu filhinho, de oito anos de idade. **Deitou-se a criança no mesmo apartamento de sua mãe**; a porta que dava de seu quarto para o de minha filha foi deixada aberta para poder prolongar as horas do dia e conversar. **A criança não dormia, e dizia à sua mãe: 'Que faz, pois, esse homem sentado ao pé de vossa cama? Ele fuma um grande cachimbo; vede como ele enche vosso quarto de fumaça**; portanto, mandai-o embora; ele sacode vossas cortinas.' **Essa visão durou toda a noite**; a mãe não pôde fazer a criança calar, e ninguém pôde fechar os olhos. Essa circunstância não espantou nem a minha filha e nem a mim, que sabemos o que ocorre nas manifestações espíritas; quanto à sua mãe, ela acreditava que seu filho sonhava acordado, ou se divertia." ([17])

No diálogo com São Luís, protetor espiritual da Sociedade Espírita de Paris, relativo a esse fato, lemos:

> 1. No relato da Sra. R..., trata-se de uma

> criança que viu, perto do leito de sua mãe, um homem a fumar um grande cachimbo. **Compreende-se que esse Espírito possa ter tomado a aparência de um homem que fumava, mas parece que fumava realmente**, pois o menino **via o quarto repleto de fumaça**. **O que era essa fumaça?**
>
> *Resp*. – **Uma aparência**, produzida para ([18]) o garoto. ([19]) (itálico do original)

Mais à frente será registrada outra ocorrência em que também se produziu fumaça, que, como aqui explicado, era uma aparência, tal e qual o cachimbo que o Espírito fazia uso.

b) Objeto: tabaqueira

> "Eis um outro fato, que me é pessoal, e que me ocorreu nesse mesmo apartamento, no mês de maio de 1858; foi a **aparição do Espírito de um *vivo***, que ficou muito espantado depois de ter me visitado; eis em que circunstância: Eu estava muito doente e não dormia há muito tempo, quando vi, às dez horas da noite, um amigo de minha família sentado perto da minha cama. Testemunhei-lhe minha surpresa pela sua visita a essa hora. Ele me disse: Não faleis, vim velar-vos; não faleis, é necessário que

> possais dormir;" e estendeu a sua mão sobre a minha fronte. Várias vezes reabri os olhos para ver se estava ali ainda, e cada vez me fazia sinal para fechá-los e calar-me. **Ele rolava sua tabaqueira em seus dedos e, de tempo em tempo, tomava uma pitada, como tinha hábito de fazê-lo.** Adormeci, enfim, e no meu despertar a visão havia desaparecido. Diferentes circunstâncias me deram a prova de que, no momento dessa visita inesperada eu estava perfeitamente desperto e que isso não fora um sonho. **Em sua primeira visita, apressei-me em agradecer-lhe; ele levava a mesma tabaqueira**, e escutando-me, tinha o mesmo sorriso de bondade que eu notara nele enquanto me velava. Como ele me afirmou que não viera, o que de resto não tive dificuldade em crer, porque não houvera nenhum motivo que pudesse convidá-lo a vir em semelhante hora e a passar a noite junto a mim, **compreendi que só seu Espírito não se dera conta da visita**, enquanto seu corpo repousava tranquilamente em sua casa." ([20]) (itálico do original)

Retomando o diálogo com São Luís no trecho em que reporta à tabaqueira usada por um outro Espírito de uma pessoa viva:

2. A senhora R..., cita **igualmente um caso de aparição**, que lhe foi pessoal, **do Espírito de uma pessoa viva**. Esse Espírito **tinha uma tabaqueira e portava-a**. Experimentava a sensação que se tem pegando-a? – R. Não.

3. **Essa tabaqueira tinha a forma da que se serve habitualmente e que estava em sua casa**. Que era essa tabaqueira entre as mãos desse Espírito? – R. Sempre aparência; foi porque a circunstância fez notar como ela era, e que a aparição não foi tomada por uma alucinação produzida pelo estado de saúde do vidente. **O Espírito queria que essa senhora cresse na realidade de sua presença; tomou todas as aparências da realidade**.

4. **Dissestes que foi uma aparência; mas uma aparência nada tem de real, é como uma ilusão de ótica**. Eu queria saber se essa tabaqueira não era senão uma imagem sem realidade, como aquela, por exemplo, de um objeto que se faz refletir numa vidraça?

[...].

[...] Poderíeis ter a bondade de nos dizer se há alguma analogia com a tabaqueira quer dizer, **se nessa tabaqueira há alguma coisa de material**? – R. **Certamente; é com a ajuda desse princípio material que o perispírito**

toma a aparência de vestimentas semelhantes àquelas que o Espírito usava em sua vida.

Nota. – Evidentemente, é necessário entender aqui **a palavra aparência, no sentido de imagem, imitação**. A tabaqueira real não estava ali; **a que o Espírito portava não era senão a reprodução**: era, pois, uma aparência comparada à original, embora **formada de um princípio material**.

A experiência nos ensina que não é necessário tomar ao pé da letra certas expressões empregadas pelos Espíritos; interpretando-as segundo as nossas ideias, nos expomos a grandes equívocos, por isso é necessário aprofundar o sentido de suas palavras todas as vezes que apresentem a menor ambiguidade; é uma recomendação que nos fazem constantemente os Espíritos. Sem a explicação que provocamos, **a palavra aparência, constantemente reproduzida em casos análogos, poderia dar lugar a uma falsa interpretação**.

5. É que a matéria inerte se desdobraria? Haveria no mundo invisível uma matéria essencial que revestisse a forma dos objetos que vemos? Em uma palavra, esses objetos teriam seu duplo etéreo no mundo invisível,

como os homens aí são representados em Espírito?

Nota. [...].

– R. Não é assim que se passa. **O Espírito tem sobre os elementos materiais espalhados por todo o espaço, em nossa atmosfera, um poder que estais longe de suspeitar. Ele pode, à sua vontade, concentrar esses elementos e dar-lhes a forma aparente própria desses objetos**.

6. Coloco de novo a pergunta de um modo categórico, a fim de evitar qualquer equívoco: **As vestimentas, com as quais se cobrem os Espíritos, são alguma coisa?** – R. Parece-me que minha resposta precedente resolveu a questão. Não sabeis que o próprio perispírito é alguma coisa?

7. **Resulta dessa explicação que os Espíritos fazem a matéria etérea sofrer transformações à sua vontade,** e que, assim, por exemplo, para a tabaqueira, o Espírito não a encontrou toda feita, mas que a fez, ele mesmo para o momento no qual lhe era necessária, e que pôde desfazê-la; deve ocorrer o mesmo com todos os outros objetos, tais como vestimentas, joias, etc. – R. **Mas evidentemente**.

8. **Essa tabaqueira** esteve visível para a senhora R... ao ponto de fazer-lhe ilusão. **O Espírito poderia torná-la tangível** para ela? – R. **Poderia**.

9. Na ocasião que foi apresentada, a senhora R... **poderia tomá-la em suas mãos, crendo ter uma tabaqueira verdadeira**? – R. **Sim**.

10. **Se ela a tivesse aberto, teria provavelmente encontrado tabaco; se tomasse esse tabaco, fá-la-ia espirrar?** – R. **Sim.**

11. O Espírito pode dar, portanto, não só a forma, mas propriedades especiais? – R. Se o quiser; não foi senão em virtude desse princípio que respondi afirmativamente às questões precedentes. **Tendes provas do poder de ação que o Espírito exerce sobre a matéria, que estais longe de supor, como já vos disse**.

12. Suponhamos, então, que ele quisesse fazer uma substância venenosa e que uma pessoa a tomasse, seria ela envenenada? – R. Poderia, mas não o teria feito; isso não lhe seria permitido.

13. Teria o poder de fazer uma substância salutar e própria a curar em caso de doença, e o caso se apresentou? – R. Sim, muito frequentemente.

Nota. – Encontrar-se-á um fato desse gênero, seguido de uma interessante explicação teórica, no artigo que publicamos adiante sobre o título de *Um Espírito servidor*.

14. **Poderia assim também fazer uma**

substância alimentar; suponhamos que fizesse uma fruta, uma iguaria qualquer, **alguém poderia comê-la e sentir-se saciado**? – R. **Sim, sim**. Mas não procureis, pois, tanto para provar o que é fácil de compreender. […].

Nota. – A questão da saciedade é aqui muito importante. Como uma substância que não tem senão uma existência e propriedades temporárias, e de alguma sorte de convenção, pode produzir a saciedade? Essa substância, pelo seu contato com o estômago, produz a sensação da saciedade, mas não a saciedade resultante da plenitude. Se uma tal substância pode agir sobre a economia e modificar um estado mórbido, ela pode tão bem agir sobre o estômago e produzir o sentimento da saciedade. Todavia, pedimos aos senhores farmacêuticos e restauradores para não conceberem ciúme nisso, nem crerem que os Espíritos venham fazer-lhes concorrência: Esses casos são raros, excepcionais, e não dependem jamais da vontade; de outro modo, nutrir-se-ia e curar-se-ia por muito bom preço.

15. **O Espírito poderia**, do mesmo modo, **fazer a moeda**? – R. **Pela mesma razão**.

16. **Esses objetos**, tomados tangíveis pela vontade dos Espíritos, **poderiam ter um caráter de permanência e de**

estabilidade? – R. **Poderiam, mas isto não se faz; está fora das leis**.

17. **Todos os Espíritos têm esse poder no mesmo grau? – R. Não, não!**

18. Quais são aqueles que têm, mais particularmente, esse poder? – R. Aqueles aos quais Deus o concede quando é útil.

19. A elevação do Espírito nisso é alguma coisa? – R. **É certo que quanto mais o Espírito é elevado, mais facilmente a obtém; mas** ainda isso depende das circunstâncias: **Espíritos inferiores podem ter esse poder.**

20. **A produção de objetos semimateriais** é sempre o fato de um ato de vontade de um Espírito, ou bem exerce, algumas vezes, esse poder com o seu desconhecimento? – R. **Ele o exerce FREQUENTEMENTE com o seu desconhecimento**.

[...].

25. Se o **Espírito pode haurir no elemento universal os materiais para fazer todas essas coisas, dar a essas coisas uma realidade temporária com suas propriedades**, pode muito bem ali haurir o que é necessário para escrever, e, consequentemente, isso parece dar-nos a chave do fenômeno da escrita direta? – R. Enfim, aí chegastes!

26. Se a matéria, da qual o Espírito se

serve, não tem persistência, como ocorre que **os traços da escrita direta não desaparecem**? – R. Não concluais sobre as palavras; eu não disse no início: jamais; era questão de um objeto material volumoso; aqui, **são sinais traçados que é útil conservar, e são conservados.**

Comenta Allan Kardec:

A teoria acima assim pode se resumir: **o Espírito age sobre a matéria; haure na matéria primitiva universal os elementos necessários para formar, à sua vontade, objetos com aparência de diversos corpos que existem na Terra**, ele pode igualmente operar sobre a matéria elementar, por sua vontade, uma transformação íntima que lhe dá propriedades determinadas. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que a exerce, frequentemente, como um ato instintivo quando isso é necessário, e sem se dar conta dele. **Os objetos formados pelo Espírito têm uma existência temporária, subordinada à sua vontade ou à necessidade; podem fazê-los e desfazê-los à sua vontade**. Esses objetos podem, em certos casos, terem, aos olhos das pessoas vivas, todas as aparências da realidade, quer dizer, **tornarem-se momentaneamente visíveis e mesmo tangíveis**. Há formação, mas não criação, tendo em vista que o Espírito nada pode

> tirar do nada. ([21]) (caixa alta e itálico do original)

O Codificador, partindo das explicações de São Luís, deixa bem claro que *"o Espírito age sobre a matéria; haure na matéria primitiva universal os elementos necessários para formar, à sua vontade, objetos com aparência de diversos corpos que existem na Terra"*, uma vez que aqui temos a explicação de como um Espírito consegue criar determinado objeto dando-lhe a aparência desejada.

A tabaqueira, com a qual o Espírito de uma pessoa viva se apresentou, foi uma criação mental, produto de sua vontade e pensamento, embora, para sua elaboração, provavelmente de forma inconsciente, tenha se "utilizado" ou, talvez seja melhor dizer, "manipulado" o fluido cósmico universal, embora, em algumas situações, a ideia é que a matéria utilizada na criação desses objetos provém do perispírito.

Em razão disso, não deixava de ter "algo de material", com toda a aparência de uma tabaqueira real. No caso em questão, a sua duração teve

relação direta com o tempo gasto pelo Espírito em sua manifestação.

O Codificador esclarece que o termo aparência "*deve aqui ser tomado no sentido de imagem, de imitação. A tabaqueira real lá não estava; a que o Espírito tinha era apenas uma reprodução*".

Ademais, São Luís, por sua vez, vem clarear dizendo que "*O Espírito tem sobre os elementos materiais espalhados por todo o espaço, em nossa atmosfera, um poder que estais longe de suspeitar. Ele pode, à sua vontade, concentrar esses elementos e dar-lhes a forma aparente própria desses objetos.*", ou seja, "*os Espíritos fazem a matéria etérea sofrer transformações à sua vontade*" a tal ponto "*que poderia torná-la tangível*". Resumindo, São Luís disse: "*o Espírito pode haurir no elemento universal os materiais para fazer todas essas coisas, dar a elas uma realidade temporária.*"

Entendemos, s.m.j., que, em algumas situações específicas, o dar "*uma realidade* ***temporária***" aos objetos criados é algo que tem relação direta com o pensamento e a vontade do

Espírito.

Certamente que, quanto mais evoluído for, maior será esse seu poder. Cabe-nos questionar: o que é temporário se levamos em conta a eternidade: um ano, dez anos, mil anos, um bilhão de anos...? Entretanto, em certas situações "*esses objetos, tornados tangíveis pela vontade dos Espíritos, poderiam ter um caráter de* ***permanência*** *e de estabilidade*", caso estivessem relacionados ao plano espiritual.

No plano físico, em que nos encontramos, a matéria que nos cerca é sólida. Assim, no exemplo dado sobre uma moeda criada fluidicamente, ela não poderia ser mantida por muito tempo, pelo motivo de não "estar nas leis da natureza". Uma coisa é a criação fluídica no plano espiritual; bem outra será aquela no plano material.

Entre essas questões propostas a São Luís registradas na ***Revista Espírita 1859***, mês de agosto, há uma delas que é necessário a destacar:

> 21. Esse poder seria, então, um dos atributos, uma das faculdades inerentes à

> própria natureza do Espíritos; seria, de alguma sorte, uma de suas propriedades, como a de ver e de ouvir? – R. Certamente; mas, frequentemente, ele mesmo a ignora. **É então que um outro a exerce para ele, com o seu desconhecimento, quando as circunstâncias o pedem. O alfaiate do zuavo era justamente o Espírito do qual acabo de falar**, e ao qual ele fez alusão em sua linguagem alegre. ([22])

O protetor da Sociedade Espírita de Paris está se referindo a Joseph Mirard, soldado argelino morto na batalha de Magenta, que se manifestou em 10 e 17 de junho de 1859 ([23]). Naqueles momentos vestia uma roupa de zuavo, dizendo que "*tenho um alfaiate que me arranjou esta*" ([24]).

A situação aqui é o fato de que outro Espírito manipulou os fluidos produzindo a roupa para o soldado. Portanto, estamos diante de uma irrefutável prova de que o Espíritos manipulando o fluido cósmico podem criar coisas objetivas, não algo tipo "fumaça" como alguns creem.

Essas questões propostas a São Luís, registradas na *Revista Espírita 1859*, foram, com

pequenos ajustes, inseridas em *O Livro dos Médiuns*, Segunda Parte, capítulo “VIII – Laboratório do mundo invisível”, itens 128 a 129. O detalhe, que reputamos de suma importância, é que em momento algum vimos sustentando a possibilidade de criação fluídica de animais, as informações e explicações sempre se relacionam a criação fluídica de objetos, tal como acontece nos itens 126 e 127, que mencionaremos mais à frente.

Do artigo “Um Espírito servidor”, publicado na ***Revista Espírita 1859,*** mês de agosto, transcrevemos o seguinte trecho extraído de uma carta enviada por um correspondente de Bordeaux que o Codificador recebera:

> “Em 1856, **a terceira filha da senhora Mally, com a idade de quatro anos, caiu doente**, no mês de agosto. A criança estava constantemente mergulhada num estado de sonolência, interrompido por crises de convulsões. Durante oito dias, **eu mesmo vi a criança** parecendo sair do seu acabrunhamento, tomar um rosto sorridente e feliz e os olhos semifechados, sem olhar para aqueles que a cercavam, **estender sua mão, com um gesto gracioso, como**

> **para receber alguma coisa, levar à boca e comer; depois agradecer com um sorriso encantador**. Durante oito dias, a criança foi sustentada por essa **alimentação invisível**, e seu corpo retomara sua aparência de frescor habitual. Quando ela pôde falar, pareceu que ela saiu de um longo sono, e contou maravilhosas visões." ([25])

Na reunião ocorrida em 06/07/1859, na Sociedade Espírita de Paris, o guia da Senhora Mally foi evocado. Do diálogo ocorrido, destacamos as seguintes questões:

> 22. **Podeis nos explicar o que a jovem da senhora Mally recebia em sua mão e comia durante a sua doença? – R. *Maná*; uma substância formada por nós**, que encerra o princípio contido no maná comum e a doçura de um doce.
>
> 23. **Essa substância é formada com a mesma matéria das vestimentas e outros objetos que os Espíritos produzem** por sua vontade e pela ação que têm sobre a matéria? – R. **Sim, mas os elementos são muito diferentes;** as partes que formam meu maná não **são as mesmas das que tomo para formar a madeira ou uma vestimenta**.

> 24. (A São Luís). O elemento tomado pelo Espírito, para formar o seu maná, é diferente daquele que tomou para formar outra coisa? Sempre nos foi dito que não há senão um elemento primitivo universal, do qual os diferentes corpos não são senão modificações. – R. Sim; quer dizer que **esse mesmo elemento primitivo esparso no espaço**, aqui sob uma forma, e ali sob uma outra; isso é o que ele quer dizer; **ele toma seu maná de uma parte desse elemento**, que crê diferente, mas que é bem sempre o mesmo. ([26]) (itálico do original)

A substância fluídica, produto de uma criação mental, a qual o Espírito designou de maná, continha propriedades medicinais, a ponto da criança, após sua ingestão por oito dias, ter sido curada.

Em nota, após o diálogo, o Codificador tece as seguintes considerações:

> Esta comunicação nos oferece um complemento ao que dissemos nos dois artigos precedentes, sobre a formação de certos corpos pelos Espíritos. **A substância dada à criança, durante sua enfermidade, evidentemente, era uma substância preparada por eles e que**

teve por efeito dar-lhe a saúde. Onde hauriram eles os princípios? No **elemento universal transformado** para o uso proposto. O fenômeno tão estranho de propriedades transmitidas pela ação magnética, problema até o momento inexplicado, e sobre o qual se alegraram tanto os incrédulos, encontra-se agora resolvido. Sabemos, com efeito, que **não são apenas os Espíritos dos mortos que agem, mas que os dos vivos também** têm sua parte de ação no mundo invisível: **o homem com a tabaqueira disso nos forneceu a prova**. O que há de espantoso, pois, em que a vontade de uma pessoa agindo pelo bem possa operar uma transformação na matéria primitiva, e dar-lhe propriedades determinadas? **Está aí, em nosso entender, a chave de muitos dos efeitos pretendidos sobrenaturais**, e dos quais teremos ocasião de falar. Foi assim que, pela observação, chegamos a nos dar conta das coisas, deixando-lhes a parte da realidade do maravilhoso. Mas quem diz que essa teoria seja verdadeira? Seja; ela tem pelo menos o mérito de ser racional e perfeitamente de acordo com os fatos observados; se algum cérebro humano dela encontre uma que julgue mais lógica do que a dada pelos Espíritos, serão comparadas; talvez, um dia, ficaremos contentes por termos aberto o caminho do estudo raciocinado do Espiritismo. ([27])

Allan Kardec argumenta que se os Espíritos têm o poder de operar uma transformação na matéria primitiva, os vivos também poderiam, citando o caso da tabaqueira para comprovar isso.

No caso em questão a "*substância dada à criança*" foi uma criação fluídica real a tal ponto que restabeleceu a saúde dela, pelo efeito de suas propriedades medicinais.

2ª) ***O Livro dos Médiuns***

Do capítulo "V – Manifestações físicas espontâneas", da Segunda Parte, tópico "Fenômeno de transporte", do item 99, destacamos:

> 17. **Entre os objetos** que os Espíritos costumam trazer, **não haverá alguns que eles próprios possam fabricar**, isto é, **produzidos espontaneamente pelas modificações que os Espíritos possam operar no fluido ou no elemento universal**?
>
> "Não por mim, que não tenho permissão para isso. **Só um Espírito elevado é capaz de fazê-lo**." ([28])

Há uma informação de Allan Kardec que é

importante para análise dessa transcrição que contém uma das respostas do diálogo do Codificador com Léon ([29]), o Espírito que produzira alguns fenômenos de transporte dos quais foi testemunha:

> [...] Nós as submetemos ao **Espírito *Erasto***, muito mais instruído do ponto de vista teórico, e que as **completou com observações bastante judiciosas**. Um é o artista, o outro é o sábio. [...]. ([30]) (itálico do original)

Esse fenômeno "*consiste no transporte espontâneo de um objeto que não existe no lugar onde se está*" ([31]).

Ao que nos parece, na pergunta existem duas possibilidades de modificações para um Espírito fabricar um objeto:

1ª) operar no fluido espiritual, que, pelo contexto, se trata do ectoplasma.

2ª) operar no elemento universal, ou seja, tomar diretamente da matéria primitiva do fluido cósmico.

Embora, em alguns casos o resultado produzido é o mesmo, é na primeira que teremos a condição da temporariedade do objeto criado. A segunda, talvez é a que teria de valer o "*Só um Espírito elevado é capaz de fazê-lo*".

Quem sabe se não é aqui que se tem aplicação prática do teor desta fala de São Luís, na questão 4 do item 128, do capítulo "VIII – Laboratório do mundo invisível":

> "[...] **Os Espíritos dispõem, sobre os elementos materiais** disseminados por todos os pontos do espaço, na vossa atmosfera, de **um poder que estais longe de suspeitar**. Podem, pois, concentrar à vontade esses elementos e dar-lhes a forma aparente que corresponda à dos objetos materiais." ([32])

Será que não estamos limitando o poder dos Espíritos, ao não admitir nenhuma possibilidade de criações fluídicas que tenham como elemento base de formação o fluido cósmico universal e manter também a elas a ideia da temporalidade restrita?

E aí também cabe a pergunta fatal:

Conhecemos todo esse poder que os Espíritos têm sobre os elementos materiais disseminados pelo espaço? Então, como queremos limitá-lo à nossa concepção de um ignorante das leis que regem a matéria de natureza fluídica?

Do capítulo “VIII – Laboratório do mundo invisível”, da Segunda Parte, também destacamos os seguintes itens constantes dos seguintes tópicos, dos quais citaremos apenas o que se ligar ao nosso tema:

a) “Vestuário dos Espíritos” (itens 126 e 127)

> 126. Já dissemos que **os Espíritos se apresentam vestidos de túnicas, envoltos em amplas roupagens, ou mesmo com os trajes que usavam em vida**. O envolvimento em tecidos de gaze parece ser um costume geral no mundo dos Espíritos. Mas onde eles vão buscar esses vestuários, semelhantes em tudo aos que usavam quando vivos, com todos os acessórios que os completavam? […].
>
> **Até certo ponto se poderia compreender a existência do traje, porque de algum modo pode ser considerado como fazendo parte do indivíduo. O mesmo, porém, não**

acontece com os objetos acessórios, como a caixa de rapé do visitante da senhora doente, por exemplo, tratada no item 116. Notemos, a propósito, que ali não se tratava de um morto, mas de um vivo, e que o referido senhor, quando voltou em pessoa, trazia na mão uma caixa de rapé semelhante em tudo à da aparição. Onde, pois, o seu Espírito havia encontrado a que tinha consigo, quando estava sentado junto ao leito da doente? **Poderíamos citar grande número de casos em que Espíritos de mortos ou de pessoas vivas apareceram com diversos objetos, tais como bengalas, armas, cachimbos, lanternas, livros etc**.

Veio-nos então a ideia de que, possivelmente, os corpos inertes do mundo material poderiam ter correspondentes etéreos no mundo invisível; que a matéria condensada que forma os objetos poderia ter uma parte quintessenciada, que nos escapa aos sentidos. Esta teoria não era destituída de verossimilhança, mas não explicava todos os fatos. Um deles, principalmente, parecia frustrar todas as interpretações. Até então, não se tratara senão de imagens ou aparências. **Vimos perfeitamente bem que o perispírito pode adquirir as propriedades da matéria e tornar-se tangível, mas essa tangibilidade é apenas momentânea** e o corpo sólido se desvanece como uma

sombra. Já é um fenômeno extraordinário; porém, o que é ainda mais extraordinário é a **produção de matéria sólida persistente**, provada por numerosos fatos autênticos, notadamente o da escrita direta, de que trataremos com minúcias em capítulo especial. Todavia, como este fenômeno se liga intimamente ao assunto de que agora tratamos, constituindo uma de suas mais positivas aplicações, anteciparemos a ordem em que deveria aparecer.

127. **A escrita direta, ou pneumatografia, é a que se produz espontaneamente, sem o concurso da mão do médium nem do lápis.** Basta que se **tome de uma folha de papel em branco, o que pode ser feito com as precauções necessárias para se prevenir qualquer fraude, dobrá-la e depositá-la em qualquer parte**, numa gaveta ou simplesmente sobre um móvel. Feito isso, se a pessoa estiver em condições favoráveis, **dentro de algum tempo aparecerão, traçados no papel, letras, sinais diversos, palavras, frases e até dissertações, na maioria das vezes com uma substância escura semelhante à grafita**; ou, então, com lápis vermelho, tinta comum e mesmo tinta de impressão. Eis o fato em toda a sua simplicidade e cuja reprodução, embora pouco comum, não é tão rara assim, visto que há pessoas que a

> obtêm com grande facilidade. Se, juntamente com o papel, se pusesse um lápis, poder-se-ia supor que o Espírito se servira dele para escrever. **Desde, porém, que o papel é deixado inteiramente só, torna-se evidente que a escrita se formou por meio de uma matéria depositada sobre ele. De onde o Espírito tirou essa matéria?** Eis o problema, a cuja solução fomos levados pela caixa de rapé a que nos referimos pouco atrás. ([33]) ([34])

Em relação ao vestuário dos Espíritos, a nossa impressão, e nisso poderemos até estar enganados, é que não se trata propriamente de uma criação fluídica, mas de uma transformação ou quem sabe de uma modelação do perispírito, fazendo com que nele também contenha a aparência de uma determinada roupa que o Espírito usava quando vivo.

Já quanto aos objetos habituais citados – bengalas, armas, cachimbos, lanternas, livros, etc. – julgamos estar diante de uma criação fluídica pela força do pensamento do Espírito que, ainda que inconsciente, podem ser mantidos no plano espiritual enquanto durar a sua ilusão de os possuir ou de

necessitarem deles.

b) “Formação espontânea de objetos tangíveis” (item 128, q. 1 a 5) ([35])

O teor desses itens constam do artigo “Mobiliário de além-túmulo”, publicado na *Revista Espírita 1859*, mês de agosto, razão pela qual não o transcreveremos aqui, pedindo a você, caro leitor, que releia o que anteriormente mencionamos desse artigo. (ver p. 22 a 28).

c) “Modificação da propriedade da matéria” (item 128, q. 6 a 18 e itens 129 e 130).

> 6. *Presume-se, com base nesta explicação, que* ***os Espíritos submetem a matéria etérea às transformações que bem entendam****. Assim, por exemplo,* ***com relação à caixa de rapé****, o Espírito não a encontrou completamente feita;* ***ele mesmo a fez, no momento em que teve necessidade dela, por ato de sua Vontade****. E, do mesmo modo que a fez, pôde desfazê-la. É isso mesmo que acontece com todos* ***os outros objetos, como vestuários, joias etc****.?*
>
> “Mas **evidentemente**.”
>
> 7. *A caixa de rapé era tão perfeita que*

produziu na mulher a ilusão de uma tabaqueira material. O Espírito poderia torná-la tangível para ela?

"Poderia."

8. *Já que é assim, aquela senhora poderia tomá-la nas mãos, certa de estar segurando uma caixa de rapé verdadeira?*

"Sim."

9. *Se abrisse a caixa, encontraria rapé no seu interior? E se aspirasse o rapé, ele a faria espirrar?*

"Sim."

10. *Então* ***o Espírito pode dar a um objeto não somente a forma, mas também propriedades especiais****?*

"**Se o quiser**. Foi baseado neste princípio que respondi afirmativamente às perguntas anteriores. **Tereis provas da poderosa ação que os Espíritos exercem sobre a matéria, ação que estais longe de suspeitar**, como eu disse há pouco."

[...].

14. ***Os objetos*** *que se tornam tangíveis graças à vontade do Espírito* ***poderiam permanecer com esse caráter e serem usados como objetos comuns****?*

"Isso poderia acontecer, mas **não se faz. Está fora das leis**."

15. *Todos os Espíritos detêm, no mesmo grau, o poder de produzir objetos tangíveis?*

"É fora de dúvida que quanto mais elevado é o Espírito, tanto mais facilmente o consegue. Porém, ainda aqui, tudo depende das circunstâncias: Espíritos inferiores podem ter esse poder."

16. *O Espírito tem sempre o conhecimento exato da maneira pela qual compõe suas vestes ou dos objetos cuja aparência ele torna visível?*

"Não. Muitas vezes contribui para a formação de todas essas coisas, praticando um ato instintivo, que ele próprio não compreende, se já não estiver bastante esclarecido para isso."

17. *Já que* ***o Espírito pode extrair do elemento universal os materiais que lhe são necessários à produção de todas essas coisas e dar-lhes uma realidade temporária****, com as propriedades que lhes são peculiares, também pode tirar dali o que for preciso para escrever, possibilidade que nos daria a explicação da escrita direta?*

"Afinal, chegaste aonde querias!"

OBSERVAÇÃO – Realmente, era aí que queríamos chegar com todas as nossas questões preliminares. A resposta prova que o Espírito havia lido o nosso pensamento.

18. *Se **a matéria de que se serve o Espírito não tem persistência**, por que os traços da escrita direta não desaparecem?*

"Não vos deixeis confundir pelas palavras. **Primeiramente, não empreguei o termo 'nunca'.** Tratava-se de um objeto material volumoso, ao passo que aqui se trata de sinais que, por ser útil preservá-los, são conservados. **O que eu quis dizer foi que os objetos assim compostos pelos Espíritos não poderiam tornar-se objetos de uso comum por não haver neles, realmente, agregação de matéria, como existe nos vossos corpos sólidos**."

129. [O teor desse item foi transcrito à página 28, onde citamos a *Revista Espírita 1859*]

130. **A existência de uma matéria elementar única está hoje praticamente admitida pela Ciência** e confirmada pelos Espíritos, como acabamos de ver. **Essa matéria dá origem a todos os corpos da Natureza** e também produz, pelas transformações que sofre, as diversas propriedades desses mesmos corpos. [...] Ora, assim como **o Espírito, servindo-se apenas da sua vontade, é capaz de exercer uma ação tão poderosa sobre a matéria elementar, por que não admitir que ele possa não só formar substâncias**, mas também alterar as suas

> propriedades, usando como reativo a própria vontade? ([36])

Pontos importantes em relação às criações fluídicas são reafirmados ou explicados:

1º) Não conhecemos o poder da ação dos Espíritos sobre a matéria;

2º) Extraem do elemento universal, ou seja, do fluido cósmico universal, os materiais que necessita para produção de objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra, todos eles teriam uma realidade temporária, subordinada à vontade e a uma necessidade qualquer.

3º) Que, em nosso plano, os objetos criados não poderiam se tornar de uso comum, porquanto não haveria neles agregação da matéria;

Ao que nos transparece, a questão da temporalidade tem relação direta com objetos habituais criados pelos Espírito, portanto, não teria nada a ver com construções no mundo espiritual, cuja matéria também seria tomada do fluido cósmico universal, seria, consequentemente, duas realidades

distintas. É bem o que pode entender de "*No nosso mundo tudo é matéria tangível, no mundo invisível tudo é, podendo-se assim se exprimir, matéria intangível.*" ([37]).

Em relação aos itens acima cabe a pergunta: as cidades e demais construções devem ser classificadas como objetos habituais? Nas referências às criações fluídicas, são elas que, em maioria, são citadas.

Do item 148, capítulo "XII – Pneumatografia ou escrita direta. Pneumatofonia", tópico "Escrita Direta", de ***O Livro dos Médiuns***, transcrevemos o seguinte trecho do último parágrafo:

> [...] Para escrever dessa maneira, **o Espírito não se serve das nossas substâncias** nem dos nossos instrumentos. **Ele próprio fabrica a matéria** e os instrumentos de que precisa, **tirando os seus materiais do elemento primitivo universal** e fazendo-os sofrer, pela ação da sua vontade, as modificações necessárias à produção do efeito desejado. Assim, tanto pode fabricar o lápis vermelho, a tinta de impressão tipográfica, a tinta comum, como o lápis preto e até mesmo caracteres

> tipográficos bastante resistentes para darem relevo à escrita, conforme tivemos ocasião de verificar. [...]. ([38])

Allan Kardec fala da escrita direta, na qual o Espírito manifestante cria uma substância escura semelhante à grafita para registrar no papel em branco sua mensagem.

Não temos dúvida de que poderemos considerar essa substância uma criação fluídica, sobre a qual não temos informação de quanto tempo durou, porém foi dito que "*são sinais traçados que é útil conservar, e são conservados.*"

3ª) ***Revista Espírita 1864***

Em novembro, no tópico "Conversas familiares de além-túmulo", foi registra a mensagem de Pierre Legay, dito Grand-Pierrot, sobre a qual o Codificador tece seus comentários, dos quais destacamos o seguinte trecho:

> Já vimos mais de um exemplo de **Espíritos se crendo ainda vivos**. Pierre Legay nos mostra essa fase da vida dos Espíritos de maneira mais caracterizada.

Aqueles que se acham neste caso parecem ser mais numerosos do que não se pensa; em lugar de fazer exceção, de oferecer uma variedade no castigo, **isso seria quase uma regra, um estado normal para os Espíritos de uma certa categoria**. Teríamos, assim, ao nosso redor, não só os Espíritos que têm consciência da vida espiritual, mas **uma multidão de outros que vivem, por assim dizer, de uma vida semimaterial, se crendo ainda deste mundo, e continuando a vagar, ou crendo vagar em suas ocupações terrestres**. [...].

Um fenômeno que pode parecer mais bizarro, e não pode deixar de fazer sorrir os incrédulos, é o dos objetos materiais que o Espírito crê possuir. Compreende-se que Pierre Legay se imagine subir em estrada de ferro, porque a estrada de ferro é uma coisa real, que existe; mas se compreende menos que **ele creia ter o dinheiro e pagar o seu lugar**.

Esse fenômeno encontra sua solução **nas propriedades do fluido perispiritual, e na teoria das criações fluídicas,** princípio importante que dá a chave de muitos mistérios do mundo invisível.

O Espírito, pela vontade ou unicamente pelo pensamento, opera no fluido perispiritual, que não é, ele mesmo, senão uma concentração do

fluido cósmico ou elemento universal, uma transformação parcial que produz o objeto que deseja. Esse objeto não **é para nós senão uma aparência, para o Espírito é uma realidade**. Foi assim que um Espírito morto há pouco, **se apresentou um dia numa reunião espírita, a um médium vidente, com um cachimbo à boca e fumando**. Sobre a observação que lhe foi feita de que isso não era conveniente, ele respondeu: "Que quereis! tenho de tal modo o hábito de fumar que não posso passar sem meu cachimbo." O que era mais singular é que o cachimbo soltava fumaça; para o médium vidente, bem entendido, e não para os assistentes.

Tudo deve estar em harmonia, no mundo espiritual, como no mundo material; aos homens corpóreos, são necessários objetos materiais; aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos, os objetos materiais não lhes serviriam, não mais do que os objetos fluídicos não serviriam aos homens corpóreos. O Espírito fumante, querendo fumar, cria um cachimbo, que, para ele, tinha a realidade de um cachimbo de terra; Legay, querendo ter dinheiro para pagar seu lugar, seu pensamento criou-lhe a soma necessária. **Para ele há realmente dinheiro**, mas os homens não poderiam se contentar com a moeda dos Espíritos. Assim se explicam as

> vestes dos quais estes se revestem à vontade, as insígnias que carregam, as diferentes aparências que podem tomar, etc.
>
> [...].
>
> **Há, pois, o mundo corpóreo visível com os objetos materiais, e o mundo fluídico, invisível para nós, com os objetos fluídicos.** Há a se notar que os Espíritos, de uma ordem inferior e pouco esclarecidos, **operam essas criações sem se darem conta da maneira pela qual se produz neles esse efeito**; não podem mais se explicar do que um ignorante da Terra não pode explicar o mecanismo da visão, nem um camponês dizer como produz o trigo.
>
> **As formações fluídicas se prendem a um princípio geral que será ulteriormente o objeto de um desenvolvimento completo, quando tiver sido suficientemente elaborado**. ([39])

Para melhor nos fazer compreender, após citar alguns trechos os comentaremos:

> "Esse fenômeno encontra sua solução nas propriedades do fluido perispiritual e na teoria das criações fluídicas, princípio importante que

> dá a chave de muitos mistérios do mundo invisível.”

As vestimentas, ao que nos parece, podem ter como origem o fluido perispiritual, talvez até pequenos objetos que o Espírito possuía quando vido, como no caso do cachimbo. Entretanto, para uma gama enorme de outras coisas a fonte, segundo a nossa percepção, é o fluido cósmico universal,

> “Seja pela vontade, seja pelo pensamento, o Espírito opera no fluido perispiritual, que não passa de uma concentração do fluido cósmico ou elemento universal, uma transformação parcial que produz o objeto que deseja.”

A produção do objeto que deseja, caso não estejamos enganados, o cachimbo é o exemplo, portanto, não é genérico para tudo quando o Espírito deseja criar ou, possivelmente, que crie de forma inconsciente.

> “Tudo deve estar em harmonia no mundo espiritual, como no mundo material; aos homens corporais, são precisos objetos materiais; aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos; os objetos materiais não lhes serviriam, assim como os objetos fluídicos não serviriam aos homens corporais.”

No mundo espiritual há matéria fluídica – fluído cósmico universal –, com a qual os Espíritos, pela vontade e pelo pensamento, produzem os objetos fluídicos. A existência de matéria fluídica no mundo espiritual, só faz sentido caso seja construir coisas com ela. Partindo desse ponto, não é improvável que possam ser realizadas variadas construções – cidades, prédios, etc. – no mundo espiritual, com a matéria que lhe é própria, por óbvio.

> "Querendo fumar, o Espírito fumador criaria um cachimbo que, para ele, tinha a realidade de um cachimbo de barro. Legay queria dinheiro para pagar a passagem: seu pensamento criou a soma necessária."

Levando-se em conta, o contexto imediato, entendemos que os objetos – cachimbo e dinheiro – têm como fonte o fluído cósmico universal, que passou por uma transformação e deu origem a esses objetos.

> "Assim se explicam as vestimentas com que se cobrem à vontade, as insígnias que usam, as diferentes aparências que podem assumir, etc."

Acreditamos que anteriormente a ideia era que as vestimentas tinham como origem o fluido perispiritual, mas agora a nossa impressão é que também seria o fluido cósmico universal

> “Há, pois, o mundo corporal visível com os objetos materiais, e o mundo fluídico, invisível para nós, com os objetos fluídicos.”

Aqui temos, s.m.j., a confirmação da existência de objetos fluídicos no mundo espiritual, Claro que Allan Kardec não os especificou, entretanto, também não disse haver algum limite para o que queiram criar.

Diante disso, podemos concluir que existem, ao menos, duas modalidades de criações fluídicas:

1º) As que se manifestam em conexão com o próprio perispírito, como determinadas vestimentas e aparências assumidas pelo Espírito; e

2º) as que dão origem a objetos fluídicos distintos do perispírito, como o cachimbo e o dinheiro.

Quase no final da transcrição, após Allan Kardec afirmar que “*Tudo deve estar em harmonia,*

no mundo espiritual, como no mundo material”, ele explicita, de forma bem objetiva, que “*aos homens corpóreos, são necessários objetos materiais, ao Espíritos são necessários objetos fluídicos*”.

Esclarece ainda que “*há, pois, o mundo corpóreo visível os objetos materiais, e o mundo fluídico, invisível para nós, com objetos fluídos*”, o que, a nosso ver, deixa clara a existência de objetos fluídicos no mundo espiritual, criados a partir do fluido cósmico universal.

Disso concluímos, por nos parecer óbvio, que as criações fluídicas realizadas na Terra apresentam características e temporalidade bem diferentes das que ocorrem no mundo plano espiritual.

É justamente essa falta de compreensão – isto é, de que se trata duas realidades distintas – que pode levar muitos a não admitirem a possibilidade de construções no mundo dos Espíritos, pois tomam como parâmetro as que existem em nosso plano material.

Allan Kardec finaliza o artigo prevendo para o futuro o desenvolvimento do princípio geral que

norteia as formações fluídicas.

4ª) ***Revista Espírita 1865***

a) No mês de maio, no tópico “Dissertações espíritas” vamos destacar a seguinte mensagem de Mesmer:

> ***Sobre as criações fluídicas.***
>
> (Sociedade de Paris, 14 de outubro de 1864. – Médium, Sr. Delanne)
>
> Disse brevemente algumas palavras sobre os grandes mensageiros enviados entre vós para cumprirem sua missão de progresso intelectual e moral sobre o vosso globo.
>
> Se, nessa ordem, o movimento se desenvolve, e toma proporções que notais a cada dia, cumpre-se um outro, não só **no mundo dos Espíritos que deixaram a matéria**, mas também importante na ordem material; quero falar das leis de depuração fluídica.
>
> O homem deve não só elevar sua alma pela prática da virtude, mas deve também depurar a matéria. Cada indústria fornece seu contingente a esse trabalho, porque cada indústria produz misturas de toda espécie; essas espécies liberam fluidos que, mais depurados, vão se juntar na atmosfera

aos fluidos similares que se tornam úteis às manifestações dos Espíritos dos quais falastes há pouco.

Sim, **os objetos procriados instantaneamente pela vontade, que é o mais rico dom do Espírito, são hauridos nos fluidos semimateriais do corpo chamado perispírito**, dos habitantes da erraticidade. Eis porque, com esses elementos, **podem criar objetos segundo seu desejo**.

O mundo dos invisíveis é como o vosso; em lugar de ser material e grosseiro, é fluídico, etéreo, **da natureza do perispírito**, que é o verdadeiro corpo do Espírito, haurido nesses meios moleculares, como o vosso se forma de coisas mais palpáveis, tangíveis, materiais.

O mundo dos Espíritos não é o reflexo do vosso; é o vosso que é uma grosseira e muito imperfeita imagem do reino de além-túmulo.

As relações desses dois mundos existiram sempre. Mas hoje o momento é chegado em que todas essas afinidades vão vos ser reveladas, demonstradas e tornadas palpáveis.

Quando compreenderdes as leis das relações entre os seres fluídicos e aqueles que conheceis, a lei de Deus estará perto de ser posta em execução; porque cada encarnado compreenderá a sua

> imortalidade, e desse dia se tornará não só um ardente trabalhador da grande causa, mas ainda um digno servidor de suas obras. ([40]) (itálico do original)

O teor dessa mensagem de Mesmer não é levado em conta pelos contraditores, pelo motivo de o interpretarem equivocadamente. Nem mesmo foram capazes de dar a devida atenção ao título atribuído a ela: "**Sobre as criações fluídicas**".

Observe, caro leitor, que no 2º parágrafo, vemos que o Espírito Mesmer especificamente trata das que se relacionam ao "*mundo dos Espíritos que deixaram a matéria*", ou seja, no mundo ou plano espiritual, conforme se queira designá-lo.

No 4º parágrafo é dito que os objetos procriados, ou seja, produzidos instantaneamente "*são **hauridos** nos fluidos semimateriais **do corpo chamado perispírito***", estabelecendo que algumas criações fluídicas têm como fonte o fluido do corpo espiritual.

Ora, ao que nos parece, isso entra em contradição com o que é afirmado no 5º parágrafo,

onde se diz "*é fluídico, etéreo, da* ***natureza*** ***do perispírito***", que, a nosso ver, reflete a verdade, porquanto é da mesma essência e não extraído do perispírito.

Essa foi a razão de sentirmos a necessidade de rever o teor do 4º parágrafo diretamente na ***Revue Spirite 1865***, versão francesa de sua fonte:

> Oui, les objets procréés instantanément par la volonté, qui est le plus riche don de l'Esprit, **sont puisés dans les fluides semi-matériels, analogues à la constitution semi-matérielle du corps appelé périsprit**, des habitants de l'erraticité. Voilà pourquoi, avec ces éléments, ils peuvent créer des objets selon leur désir. ([41])

O confrade Evandro Noleto Bezerra, tradutor da FEB, verteu esse trecho para o português da seguinte forma: "*são colhidos nos fluidos semimateriais,* ***análogos à constituição*** *semimaterial do corpo chamado perispírito*" ([42]).

Entendemos que uma coisa é ser haurido dos fluidos do perispírito, outra bem diferente é ser da

natureza ou análogo aos fluidos perispirituais.

Ademais, se a matéria etérea do envoltório semimaterial "*é extraída do fluido cósmico universal*" ([43]) e é dele também que os Espíritos se utilizam para algumas criações fluídicas, não vemos nenhuma lógica em dizer que os Espíritos somente utilizam do fluido do perispírito para dar origem à criação fluídica de todos os objetos – no máximo, podem modificá-lo, mudando a sua aparência, por exemplo ou nele "imprimindo" as deformidades de corpo físico de alguma existência passada.

Se podem criar objetos habituais utilizando-se dos "***fluidos semimateriais análogos*** *ao do perispírito*", entendemos que, aqui sim, estamos diante do fluido cósmico universal, mas usar dos fluidos do perispírito, jamais. Pode-se, isso já vimos, moldar ou imprimir no perispírito a vestimenta, por exemplo, mas tal fato não seria propriamente uma criação.

Tudo isso fica evidente nestas duas seguintes frases, que destacamos, com as quais o nobre Espírito Mesmer resume sua explicação:

“O mundo dos invisíveis é como o vosso; em lugar de ser material e grosseiro, é fluídico, etéreo, da natureza do perispírito”; e

“O mundo dos Espíritos não é o reflexo do vosso; é o vosso que é uma grosseira e muito imperfeita imagem do reino de além-túmulo”.

Chamamos especial atenção para essa última, que compara o mundo dos Espíritos com o nosso, pois isso deveria ser o suficiente para que ninguém protestasse contra a possibilidade de existirem construções no mundo do além-túmulo.

b) Mês de julho, no artigo “Teoria dos sonhos”, lemos no 5º parágrafo:

> **Entre os sonhos,** há os que têm um caráter de tal modo positivo, que não se poderia atribuí-los, racionalmente, ao jogo da imaginação; tais são aqueles em que se adquire, ao despertar, a prova da realidade daquilo que serviu e no que não se sonhou de nenhum modo. Os **mais difíceis de explicar são aqueles que nos apresentam imagens incoerentes, fantásticas, sem realidade aparente**. **Um estudo mais aprofundado do**

> **singular fenômeno das criações fluídicas** nos colocará, sem dúvida, sobre o caminho.
>
> **À espera disso**, eis uma teoria que parece dever dar um passo à questão. Não a damos como absoluta, mas como fundada na lógica, e podendo ser um objeto de estudo. [...]. ([44])

Allan Kardec atribui as "*imagens incoerentes, fantásticas, sem realidade aparente*" originadas do sonho também são criações fluídicas, aumentando a quantidade delas e, consequentemente, dificultando a maioria de nós perceber tais nuances.

c) No mês de setembro, do artigo "Mediunidade curadora", tomamos o 2º parágrafo do item 10:

> **A vontade é ainda onipotente para dar aos fluidos as qualidades especiais apropriadas** à natureza do mal. **Este ponto, que é capital, se prende a um princípio ainda pouco conhecido, mas que está em estudo, o das criações fluídicas, e das modificações que o pensamento pode fazer a matéria suportar**. O pensamento, que provoca uma

> emissão fluídica, pode operar certas transformações moleculares e atômicas, como se vê isto se produzir sob a influência da eletricidade, da luz ou do calor. ([45])

Referindo-se ao fluido curador, o Codificador esclarece que "*o concurso dos Espíritos, ela [a vontade] é onipotente para imprimir ao fluido, espiritual ou humano, uma boa direção, e uma energia maior*". Então, com o pensamento e a vontade podemos dar ao fluido uma qualidade boa ou má e é a essa possibilidade que ele têm como criações fluídicas.

5ª) ***Revista Espírita 1866***

No mês de agosto, Allan Kardec inseriu o artigo "Das criações fantásticas da imaginação", cujo teor é sobre "As visões da Senhora Cantianille B...", que segundo informa ter sido publicado na obra *Relações maravilhosas da senhora Cantianille B...*, autoria do Sr. abade Thorey. Transcreveremos, inicialmente, o seguinte trecho que nos dará ideia desse caso:

> No corrente da obra, Cantianille B... conta, ela mesma, como se tornou membro

e presidente de uma sociedade de Espíritos, em 1840, durante a sua permanência num convento de religiosas:

"Ossian (Espírito de segunda ordem), tendo vindo como de **hábito me buscar no convento, eu me achava logo transportada para o meio da reunião**. Depositou-me sobre um trono onde os aplausos mais ruidosos acolheram a minha aparição.

"Fizeram-me fazer o juramento comum: **juro ofender a Deus por todos os meios possíveis** e de não recuar diante de nada para fazer triunfar o inferno sobre o céu. **Eu amo Satã! Eu odeio a Deus!** Quero a queda do céu e o reino do inferno!...

"Depois do que, cada um veio me felicitar e me encorajar a me mostrar forte nas provas que me restavam suportar. Eu o prometi.

"Esses gritos, esse tumulto, essa pressa de todos, a música e os feixes de fogo que clareavam a sala, tudo me eletrizava, me embriagava!... Eu gritava, pois, com voz forte: 'Eu sou sacerdote; eu não temo vossas provas; vou ir ver se sou digno de ser dos vossos.' Logo, todo ruído cessou, toda luz desapareceu. Caminhe, disse-me uma voz. Avancei, sem dúvida num estreito corredor, porque senti de cada lado como duas paredes, e essas paredes pareciam se aproximar cada vez mais. Acreditei que ia

ser sufocada, e o terror se apoderou de mim. Quis retornar; mas no mesmo instante me senti nos braços de Ossian. Ele exerceu sobre todo o meu corpo uma pressão tão viva, que lancei um grito agudo.

“Cala-te, disse-me ele, ou estarás morta.” O perigo retornou minha coragem…

“Não, eu não gritaria mais, não, eu não recuaria mais;” e fazendo um esforço sobre-humano, atravessei como um raio esse longo corredor que se tornava a cada passo mais escuro e mais estreito. Apesar de meus esforços, meu terror redobrava, e eu iria talvez fugir, quando de repente a terra escapando sob meus pés, **caí num abismo do qual não podia apreciar a profundidade**. Fiquei um instante aturdida com essa queda, sem, no entanto, me desencorajar. Um pensamento infernal veio me atravessar o espírito.” Ah! querem me amedrontar!… Eles verão que não temo os demônios…” Levantei-me logo para procurar uma saída. Mas… eis que de todos os lados as chamas apareciam!…

Elas se aproximavam de mim como para me queimar…

“E **no meio desse fogo** os Espíritos gritando, uivando, que terror!

“Que queres tu de mim? eu disse a Ossian.

“– **Quero que sejas a presidente de**

nossa associação... Quero que nos ajude a odiar a Deus; quero que jures ser nossa, por nós e conosco, por toda a parte e sempre?"

"Apenas fiz essas promessas e o fogo se extinguiu subitamente.

"Não me fuja mais, disse-me ele, eu te trago a felicidade e a grandeza. Olhe." Eu me achava no meio dos associados, no meio da sala que se tinha ainda embelezado durante a minha ausência. – Um repasto suntuoso foi servido.

"**Foi-me dado ali o lugar de honra,** e até o fim quando **todo o mundo estava excitado pelo vinho e pelos licores**, e superexcitado pela música, **fui nomeada presidente**.

"Aquele que me havia entregue fez ressaltar, em algumas palavras, a coragem que havia mostrado nessas terríveis provas, e, no meio de mil bravos, **aceitei esse título fatal de presidente**.

"Eu estava assim à frente de vários milhares de pessoas atentas ao menor sinal. – Não tive, pois, senão um único pensamento: merecer sua confiança e sua submissão. Infelizmente, não tenho senão muito bem triunfado." ([46])

Em seguida, temos o oportuno comentário de Allan Kardec, do qual destacamos:

As visões da senhora Cantianille pertencem a essa categoria de questões sobre as quais não se pode, de alguma sorte, até mais ampla informação, senão tentar uma explicação. Cremos encontrá-la no princípio das **criações fluídicas pelo pensamento**.

Quando as visões têm por objeto uma coisa positiva, real, cuja existência está constatada, a sua explicação é muito simples: A alma vê, pelo efeito de sua irradiação, o que os olhos do corpo não podem ver. O Espiritismo, não tivesse explicado senão isto, já teria levantado o véu sobre muitos mistérios. Mas **a questão se complica quando se trata de visões** que, como as da senhora Cantianille, **são puramente fantásticas**. **Como a alma pode ver o que não existe?** De onde vêm **essas imagens que, para aqueles que as veem, têm todas as aparências da realidade?** São, diz-se, efeitos da imaginação; seja; mas esses efeitos têm uma causa; em que consiste esse poder da imaginação? Como e sobre o que ela age? Que uma pessoa medrosa ouvindo um ruído de rato, durante a noite, seja tomada de medo, e se figure ouvir os passos de ladrões; que ela toma uma sombra ou uma forma vaga por um ser vivo que a persegue, estão aí bem verdadeiramente os efeitos da imaginação; mas **nas visões do gênero das do que se trata aqui, há alguma**

coisa a mais, porque não é mais somente uma ideia falsa, é uma imagem com suas formas e suas cores, tão nítidas e tão precisas que dela se poderia fazer o desenho; e, no entanto, não é senão uma ilusão! de onde vem isto?

Para se dar conta do que se passa nesta circunstância, é necessário sair do nosso ponto de vista exclusivamente material, e penetrar, pelo pensamento, no mundo incorpóreo, nos identificar com a sua natureza e os fenômenos especiais que devem se passar num meio totalmente diferente do nosso. Estamos neste mundo na posição de um espectador que se admira de um efeito de cena, porque não lhe compreende o mecanismo; mas que vá atrás dos bastidores, e tudo lhe será explicado.

No nosso mundo tudo é matéria tangível; no mundo invisível tudo é, podendo-se assim se exprimir, *matéria intangível*; quer dizer, intangível para nós que não percebemos senão por órgãos materiais, mas tangível para os seres desse mundo que percebem pelos seus sentidos espirituais. **Tudo é fluídico nesse mundo, homens e coisas, e as coisas ali são tão reais**, relativamente, quanto as coisas materiais o são para nós. Eis um primeiro princípio.

O segundo princípio está nas

modificações que o pensamento faz o elemento fluídico sofrer. Pode-se dizer que ele se configura à sua vontade, como configuramos um pedaço de terra para dele fazer uma estátua; somente a terra sendo uma matéria compacta e resistente, é preciso, para manipulá-la, um instrumento resistente, ao passo que **a matéria etérea sofre, sem esforço, a ação do pensamento**. Sob esta ação, **ela é suscetível de revestir todas as formas e todas as aparências**. Assim é que **se veem os Espíritos ainda pouco desmaterializados pensar em ter sob a mão os objetos que tinham quando vivos**; que se revestem dos mesmos costumes, que se adornam com os mesmos ornamentos e tomam à sua vontade as mesmas aparências. A rainha de Oude, da qual narramos a entrevista na *Revista* de março de 1858, página 82, se via sempre com **suas joias**, e dizia que não as tinha deixado. Basta-lhe para isto um ato do pensamento, sem o que, o mais frequentemente, se dão conta da matéria da qual a coisa se opera, como entre os vivos muitas pessoas caminham, veem e ouvem sem poderem dizer como e porquê. Tal era ainda **o Espírito do zuavo de Magenta** (*Revista* de julho de 1859) que **dizia ter sua mesma roupa**, e que, quando se lhe perguntava onde a tinha tomado, uma vez que a sua tinha ficado sobre o campo de batalha, respondeu: Isto refere-se ao meu

alfaiate. Citamos vários fatos desse gênero, entre outros o do homem da **tabaqueira** (agosto de 1859, página 197) e o de Pierre Legay (novembro de 1864, página 339) que **pagava seu lugar no ônibus**. **Essas criações fluídicas podem, às vezes, revestir, para os vivos, aparências momentaneamente visíveis e tangíveis, pela razão de que são devidas, na realidade, a uma transformação da matéria etérea**. O princípio das criações fluídicas parece ser uma das leis mais importantes do mundo incorpóreo.

A alma encarnada, em seus momentos de emancipação, gozando em parte das faculdades do Espírito livre, **pode produzir efeitos análogos**. Aí pode estar a causa das visões fantásticas. **Quando o Espírito está fortemente imbuído de uma ideia, seu pensamento pode dela criar uma imagem fluídica** que tem, para ele, todas as aparências da realidade, tão bem quanto o dinheiro de Pierre Legay, **embora a coisa não exista por si mesma**. Tal é, sem dúvida, o caso em que se encontrou a senhora Cantianille. **Preocupada com os relatos que tinha ouvido fazer do inferno, dos demônios e de suas tentações, dos pactos pelos quais se apoderam das almas, das torturas dos condenados, seu pensamento disso criou um quadro fluídico que não tinha realidade senão para ela**.

Pode-se classificar na mesma categoria as visões da irmã Elmerich que afirmava ter visto todas as cenas da Paixão, e encontrado o cálice no qual Jesus tinha bebido, assim como outros objetos análogos aos em uso no culto atual, que não existiam certamente naquela época, e dos quais ela dava, no entanto, uma descrição minuciosa. Dizendo que ela tinha visto tudo isto, estava de boa-fé, porque verdadeiramente viu, pelos olhos da alma, mas uma imagem fluídica, criada por seu pensamento.

Todas as visões têm seu princípio nas percepções da alma, como a visão corpórea tem o seu na sensibilidade do nervo ótico; mas elas variam em sua causa e em seu objeto. **Quanto menos a alma é desenvolvida, mais ela é suscetível de se iludir sobre o que vê**; suas imperfeições a tornam sujeita a erro. As que são mais desmaterializadas são aquelas cujas percepções são mais extensas e mais justas; mas, por imperfeitas que elas sejam, suas faculdades não são menos úteis ao estudo.

Se esta explicação não oferece uma certeza absoluta, ao menos tem ela um caráter evidente de probabilidade. Sobretudo, prova uma coisa, é que os Espíritas não são tão crédulos quanto o pretendem seus detratores, e não dão sem refletir tudo o que parece maravilhoso. Todas as visões estão, pois, longe de ser

> para eles artigos de fé; mas, o que quer que seja, ilusões ou verdades são efeitos que não se poderiam negar; eles os estudam e procuram deles se darem conta, sem terem a pretensão de tudo saberem e de tudo explicarem. Eles não afirmam uma coisa senão quando estiver demonstrada pela evidência. Seria tão inconsequente tudo aceitar quanto tudo negar. ([47])

O Codificador classificou como criações fluídicas o que foi relatado pela Sra. Cantianille B..., porém, essas deverão ser tomadas à conta de visões alucinatórias produzidas pela sua mente em razão de sua exacerbada crença no inferno.

Muito interessante o Codificador explicar que "*no mundo invisível tudo é, podendo-se assim se exprimir, matéria intangível*" ou seja, "*Tudo é fluídico nesse mundo, homens e coisas, e as coisas ali são tão reais, relativamente, quanto as coisas materiais o são para nós.*" Observamos que é afirmado sobre coisas no mundo espiritual, obviamente, formadas pela matéria intangível, que é própria daquela realidade. Mas o que queria dizer com "coisas"? Geralmente, utilizamos esse termo para designar objetos e seres inanimados, o que abre espaço

também para construções ou estamos indo longe demais?

Que com o seu pensamento agindo sobre a matéria etérea os Espíritos, ainda pouco desmaterializados, podem criar "*objetos que tinham quanto vivos*", Allan Kardec cita o caso da rainha de Oude, que era vista com suas joias, o do Espírito do zuavo de Magneta que dizia ter a sua a mesma roupa e o homem que trazia sua tabaqueira e, finalmente, cita o Espírito Pierre Legay que "pagava" seu lugar no ônibus,

O Codificador explica que "*Essas criações fluídicas podem, às vezes, revestir, para os vivos, aparências momentaneamente visíveis e tangíveis, pela razão de que são devidas, na realidade, a uma transformação da matéria etérea*". Ora, então existem criações fluídicas que são uma transformação da matéria etérea. Ao dizer isso, estaria ele se referindo ao fluido cósmico universal?

No caso da senhora Cantianille, afirma que preocupada com os relatos sobre inferno e demônios, o "*seu pensamento disso criou um*

quadro fluídico que não tinha realidade senão para ela.”

6ª) ***A Gênese***

A 1ª edição dessa obra veio a público em janeiro de 1868. Veremos do capítulo “XIV – Os fluidos”, tema “I. Natureza e propriedades dos fluidos”, tópico “Elementos fluídicos” os trechos dos itens que têm algo a ver com tema:

> 2. **O fluido cósmico universal é, como já foi demonstrado, a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da natureza**. (Cap. X.) Como princípio elementar do universo, ele assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o estado normal primitivo, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de certo modo, consecutivo ao primeiro. **O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível**, porém, ainda aí, não há transição brusca, visto que se podem considerar os nossos fluidos imponderáveis ([48]) como termo médio entre os dois estados. (Cap. IV, itens 10 e seguintes.)

Cada um desses dois estados dá lugar, naturalmente, a fenômenos especiais: **ao segundo pertencem os do mundo visível e ao primeiro os do mundo invisível**. Uns, os chamados *fenômenos materiais*, são da alçada da Ciência propriamente dita; **os outros, qualificados de *fenômenos espirituais ou psíquicos*, porque se ligam de modo especial à existência dos Espíritos, cabem nas atribuições do Espiritismo**. Como, porém, a vida espiritual e a vida corporal se acham em contato incessante, os fenômenos das duas categorias muitas vezes se produzem simultaneamente. No estado de encarnação, o homem somente pode perceber os fenômenos psíquicos que se prendem à vida corpórea; **os que são do domínio *exclusivo* da vida espiritual escapam aos sentidos materiais e só podem ser percebidos no estado de Espírito**. ([49])

3. No estado de eterização, **o fluido cósmico** não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, **sofre modificações tão variadas** em gênero e mais numerosas talvez do que no estado de matéria tangível. **Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedam do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão origem aos fenômenos peculiares do mundo invisível**.

Dentro da relatividade de tudo, **esses**

fluidos têm para os Espíritos, que também são fluídicos, **uma aparência tão material quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados e são, para eles, o que são para nós as substâncias do mundo terrestre.** Eles os elaboram e combinam para produzirem determinados efeitos, como fazem os homens com os seus materiais, ainda que por processos diferentes.

[...].

4. **Os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam aos nossos instrumentos de análise e à percepção dos nossos sentidos,** feitos para perceberem a matéria tangível e não a matéria etérea. Há os pertencentes a um meio diverso a tal ponto do nosso, que deles só podemos fazer ideia mediante comparações tão imperfeitas como aquelas mediante as quais um cego de nascença procura fazer ideia da teoria das cores.

Mas entre esses fluidos alguns são tão intimamente ligados à vida corpórea que, de certa forma, pertencem ao meio terreno. Em falta de percepção direta, podem-se observar os seus efeitos, como se observam os do fluido do ímã, fluido que jamais se viu, podendo-se adquirir sobre a natureza deles conhecimento de alguma precisão. Esse estudo é essencial, porque está nele a solução de uma imensidade de fenômenos

inexplicáveis unicamente pelas leis da matéria.

5. O ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, da qual nada nos pode dar ideia; o ponto oposto é a sua transformação em matéria tangível. Entre esses dois extremos, dão-se inúmeras transformações, mais ou menos aproximadas de um e de outro. Os fluidos mais próximos da materialidade, os menos puros, conseguintemente, compõem o que se pode chamar *a atmosfera espiritual da Terra*. É desse meio, onde igualmente vários são os graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados deste planeta haurem os elementos necessários à economia de suas existências. **Por mais sutis e impalpáveis que nos pareçam, esses fluidos não deixam por isso de ser de natureza grosseira, em comparação com os fluidos etéreos das regiões superiores**.

O mesmo se dá na superfície de todos os mundos, salvo as diferenças de constituição e as condições de vitalidade próprias de cada um. Quanto menos material é a vida neles, tanto menos afinidade têm os fluidos espirituais com a matéria propriamente dita.

A qualificação de *fluidos espirituais* não é rigorosamente exata, já que, em última análise, eles são sempre matéria mais ou menos quintessenciada. De

realmente *espiritual*, só mesmo a alma ou princípio inteligente. Dá-se-lhes essa denominação por comparação apenas e, sobretudo, pela afinidade que eles guardam com os Espíritos. Pode-se dizer que são a matéria do mundo espiritual, razão por que são chamados *fluidos espirituais*.

6. Quem conhece, aliás, a constituição íntima da matéria tangível? Ela talvez somente seja compacta em relação aos nossos sentidos, e o que o provaria é a facilidade com que os fluidos espirituais e os Espíritos a atravessam, aos quais não oferece maior obstáculo do que o que os corpos transparentes oferecem à luz. ([50])

Tendo por elemento primitivo o fluido cósmico etéreo, deve ser possível à matéria tangível, *desagregando-se*, voltar ao estado de eterização, do mesmo modo que o diamante, o mais duro dos corpos, pode volatilizar-se em gás impalpável. *Na realidade, a solidificação da matéria não passa de um estado transitório, que pode voltar ao seu estado primitivo quando deixam de existir as condições de coesão*.

Quem sabe mesmo se, no estado de tangibilidade, a matéria não é capaz de adquirir uma espécie de eterização que lhe daria propriedades particulares? Certos fenômenos, que parecem autênticos, tenderiam a fazer supor que assim fosse. **Ainda não conhecemos senão as**

> **fronteiras do mundo invisível; o futuro, sem dúvida, nos reserva o conhecimento de novas leis, que nos permitirão compreender o que para nós ainda é mistério.** ([51]) (itálico do original)

A informação de que o fluido cósmico universal "*é a matéria elementar primitiva, cujas modificações transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da natureza*" é muito importante, e jamais deveríamos nos esquecer disso.

Detalhando seus estados, são apresentados o da eterização (imponderabilidade) e o da materialização (ponderabilidade). Entendemos que a nossa grande dificuldade, como encarnados, é compreender os corpos no estado de eterização e em razão disso temos a tendência de não julgar lógico a existência de qualquer coisa cuja natureza seja etérea.

O fenômeno da materialização ocorre quando o Espírito manifestante torna seu perispírito tangível, para isso ele se utiliza do ectoplasma fornecido por um médium, e, em menor proporção, dos presentes no ambiente onde ela acontece. O fato é que não

cria nem acrescenta nada nele, é exatamente como a sua forma invisível.

Ademais, a matéria do nosso planeta, por exemplo, é consistente para nós, não para os Espíritos desencarnados, porquanto ela não lhes oferece obstáculo algum, atravessam-na sem a menor dificuldade.

A modificação do fluido cósmico produz fluidos distintos dotados de propriedades especiais. Esses fluidos têm para os Espíritos uma aparência tão material quanto a dos objetos tangíveis possuem para nós encarnados. Mais ainda, eles são perceptíveis somente pelos seres do mundo invisível, razão pela qual, nós do mundo visível, negamos a existência de qualquer coisa que tenha sido criada por essa matéria etérea.

Porém, Allan Kardec demonstra esperança no futuro ao dizer: *"Ainda não conhecemos senão as fronteiras do mundo invisível;* ***o futuro, sem dúvida, nos reserva o conhecimento de novas leis, que nos permitirão compreender o que para nós ainda é mistério****."*

Os itens 13 a 15 do tópico “Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas. Fotografia do pensamento”, do capítulo “XIV – Os fluidos” de *A Gênese,* será abordado no próximo item para se manter a linha cronológica que nos propomos.

Vejamos agora do capítulo “XIV – Os fluidos”, o tema intitulado “II. Explicação de alguns fenômenos considerados sobrenaturais”, tópico “Vista espiritual ou psíquica. Dupla vista. Sonambulismo. Sonhos”, os seguintes trechos:

> 27. **Nos Espíritos encarnados, a vista espiritual é** necessariamente incompleta e imperfeita e, por conseguinte, **sujeita a aberrações**. Tendo por sede a própria alma, o estado desta há de influir nas percepções que aquela vista faculte. Conforme o grau de desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo, **ela pode dar, quer durante o sono, quer no estado de vigília**: **1º** a percepção de certos fatos materiais e reais, como o conhecimento de alguns eventos que se passam a grande distância, os detalhes descritivos de uma localidade, as causas de uma doença e os remédios adequados para o seu tratamento; **2º** a percepção de coisas igualmente reais do mundo espiritual, como a presença dos

Espíritos; **3º imagens fantásticas criadas pela imaginação, análogas às criações fluídicas do pensamento.** (52) Estas criações se acham sempre em relação com as disposições morais do Espírito que as gera. **É assim que o pensamento de pessoas fortemente imbuídas de certas crenças religiosas e com elas preocupadas lhes apresenta o inferno, suas fornalhas, suas torturas e seus demônios, tais quais essas pessoas os imaginam**. Às vezes, é toda uma epopeia. Os pagãos viam o Olimpo e o Tártaro, como os cristãos veem o inferno e o paraíso. Se, ao despertarem ou saírem do êxtase, conservam lembrança exata de suas visões, tais pessoas as tomam como realidades confirmativas de suas crenças, quando tudo não passa de produto de seus próprios pensamentos. (53) É preciso, pois, que se faça uma distinção muito rigorosa nas visões extáticas, antes de se dar crédito a elas. A tal propósito, o remédio para a excessiva credulidade é o estudo das leis que regem o mundo espiritual.

28. Os sonhos propriamente ditos apresentam as três características das visões acima descritas. Às duas primeiras categorias dessas visões pertencem os sonhos de previsões, pressentimentos e avisos. (54) **Na terceira, isto é, nas criações fluídicas do pensamento, é que se pode encontrar a causa de**

> **certas imagens fantásticas, que nada têm de real, com relação à vida material**, mas que têm, para o Espírito, uma realidade tal, que o corpo lhe sente o contrachoque, havendo casos em que os cabelos embranquecem sob a impressão de um sonho. Essas criações podem ser provocadas: pela exaltação das crenças; pelas lembranças retrospectivas; por gostos, desejos, paixões, temor, remorsos; pelas preocupações habituais; pelas necessidades do corpo, ou por um incômodo qualquer nas funções do organismo; finalmente, por outros Espíritos, com objetivo benévolo ou maléfico, conforme a sua natureza. ([55]) ([56])

Será oportuno ressaltar que as criações fluídicas, aqui mencionadas, são produto do pensamento de encarnados durante o sono.

Certamente que algumas delas se ligam às crenças religiosas que abraçam, como por exemplo: céu, inferno, purgatório, anjos, demônios, etc.

Não fechamos questão quanto à possibilidade de isso também ocorrer em relação a "*cidades de luz*", porém, deverá ser provado que elas fazem parte dos ensinamentos doutrinários da crença religiosa que seguem as pessoas que as citaram.

Julgamos que ainda seria necessário levantar, entre os que delas deram notícia, se entre eles não existem ateus de “carteirinha”.

Mas se as criações fluídicas estivessem relação com a crença da pessoa, então os ateus não veriam nada e os ligado às correntes cristãs não veriam nada além de um céu ou de um inferno, jamais falariam de cidades ou mesmo de terem sido levados para um hospital, por exemplo.

Podemos corroborar esse pensamento com um trecho da fala do Espírito Viennois, com a qual Erasto concordou, inserida no tópico “Os Espíritos incrédulos e materialistas”, constante da ***Revista Espírita 1863,*** mês de maio:

> É, pois, certo, meu caro senhor Kardec, que **os incrédulos e os materialistas absolutos conservam a sua opinião além do túmulo** até a hora em que a razão ou a graça tiver despertado em seu coração o pensamento verdadeiro de que se encontra enterrado. [...]. ([57])

Avançando mais um pouco nesse capítulo “XIV

– Fluidos” de ***A Gênese***, vamos destacar os dois primeiros parágrafos do item 36 do tópico “Aparições. Transfigurações”:

> É de notar-se que **as aparições tangíveis** só têm da matéria carnal as aparências, sem, contudo, terem as suas qualidades. **Em virtude da natureza fluídica que as caracteriza, não podem ter a mesma coesão da matéria, porque, na realidade, elas não possuem carne.** Formam-se instantaneamente e desaparecem do mesmo modo ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas. ([58]) **Os seres que se apresentam nessas condições não nascem nem morrem como os outros homens**. São vistos e deixam de ser vistos, sem que se saiba de onde vêm, como vieram, nem para onde vão. Ninguém os poderia matar, nem prender, nem encarcerar, visto que não têm corpo carnal. Os golpes que porventura se lhes desferissem atingiriam somente o vácuo.
>
> **Tal o caráter dos *agêneres*** ([59]), com os quais se pode conversar e trocar ideias, sem suspeitar da sua natureza, mas que **não demoram longo tempo entre os homens** e não podem tornar-se comensais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família. ([60]) ([61])

As ocorrências que Allan Kardec designou de "*aparições tangíveis*" são o que hoje denominamos de "materializações". Aliás, para espelhar a realidade do fenômeno, seria melhor designá-lo de "condensação" e não "materialização", porquanto a agregação do ectoplasma ao perispírito é que o torna tangível.

Sim, caro leitor, não teria mesmo nada a ver com o nosso tema. Porém, como vimos, por aí, usando este trecho "*não podem ter a mesma coesão da matéria*" para combater a existência das colônias, resultantes de criações fluídicas ou, talvez, seja melhor dizer criações mentais. Observa-se que esse argumento está totalmente fora do contexto, uma vez que o alvo do Codificador eram as aparições tangíveis, nada mais que isso.

7ª) ***Revista Espírita 1868***

No mês de junho, no artigo "Fotografia do pensamento", lemos:

> **O fenômeno da fotografia do pensamento** se ligando ao das criações fluídicas, descrito em nosso livro **da**

Gênese, **no capítulo dos fluidos, para maior clareza reproduzimos a passagem desse capítulo, onde esse assunto é tratado, e o completamos com novas observações**. ([62])

Os fluidos espirituais, que constituem, propriamente falando, um dos estados do fluido cósmico, são a atmosfera dos seres espirituais; **é o elemento onde eles haurem os materiais sobre os quais operam**; é o meio onde se passam os fenômenos especiais perceptíveis à vista e ao ouvido do Espírito, e que escapam aos sentidos carnais impressionados somente pela matéria tangível, onde se forma essa luz particular ao mundo espiritual, diferente da luz comum por sua causa e seus efeitos; é, enfim, o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

[14-1º] **Os Espíritos agindo sobre os fluidos espirituais, não os manipulam** como os homens manipulam os gases, **mas com a ajuda do pensamento e da vontade**, o pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem a esses fluidos tal ou tal direção; aglomeram-nos, combinam-nos ou os dispersam; **com eles formam conjuntos tendo uma aparência, uma forma, uma cor determinada**; mudando-lhes as propriedades, como um químico muda a dos

gases ou outros corpos, os combinam segundo certas leis; é a grande oficina ou o laboratório da vida espiritual.

[14-2º] **Algumas vezes, essas transformações são o resultado de uma intenção; frequentemente, são o produto de um pensamento inconsciente**; basta ao Espírito pensar numa coisa para que essa coisa se produza, como basta modular uma ária para que essa ária repercuta na atmosfera.

[14-3º] É assim, por exemplo, que um **Espírito se apresenta à vista de um encarnado dotado da visão psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo, na época em que foi conhecido**, tivesse tido várias encarnações depois. **Ele se apresenta com a roupa, os sinais exteriores, – enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc., que tinha então; um decapitado se apresentará com a cabeça a menos**. Não é dizer que ele conserva essas aparências; não, certamente; porque como Espírito ele não é nem coxo, nem maneta, nem caolho, nem decapitado, mas seu *pensamento* e reportando à época em que era assim, seu perispírito lhe toma instantaneamente as aparências, que deixa do mesmo modo instantaneamente, desde que seu pensamento deixa de agir. Se, pois, foi uma vez negro, outra vez branco, ele se apresentará como negro ou como branco,

segundo a dessas duas encarnações sob a qual for evocado, e onde se reportar o seu pensamento.

[14-4º] Por um efeito análogo, **o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos dos quais tinha o hábito de se servir**: um avaro manejará o ouro; um militar terá as suas armas e o seu uniforme; um fumante, o seu cachimbo; um lavrador, a sua charrua e seus bois; uma velha, a sua roca para afiar. Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito que é, ele mesmo, fluídico, quanto eram no estado material para o homem vivo; mas, pela mesma razão que são criados pelo pensamento, **a sua existência é tão fugidia quanto o pensamento**.

[...].

O pensamento, criando *imagens fluídicas*, se reflete no envoltório espiritual como numa vidraça, ou ainda como essas imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores de ar; ela ali toma um corpo e se *fotografa* de alguma sorte. Que um homem tenha, por exemplo, **a ideia de matar um outro**, por impassível que seja seu corpo material, **seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento do qual reproduz todas as nuanças**; ele executa fluidicamente o gesto, o ato que tem o desejo de realizar; seu pensamento cria a imagem da vítima, e a

> cena inteira se pinta, como num quadro, tal qual ela está em seu espírito.
>
> É assim que **os movimentos mais secretos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma, encarnada ou desencarnada, pode ler numa outra como num livro**, e ver o que não é perceptível pelos olhos do corpo. Os olhos do corpo veem as impressões interiores que se refletem sobre os indícios do rosto: a cólera, a alegria, a tristeza; mas a alma vê sobre os indícios da alma os pensamentos que não se traduzem ao redor.
>
> [...].
>
> **A teoria das criações fluídicas** e, consequentemente, da fotografia do pensamento, é uma conquista do Espiritismo moderno, e **pode ser, doravante, considerada como adquirida em princípio, salvo as aplicações de detalhes que são o resultado da observação**. Esse fenômeno é, incontestavelmente. **A fonte das visões fantásticas, e deve desempenhar um grande papel em certos sonhos**. ([63]) (itálico do original)

Inicialmente, é preciso ressaltar que há algo importante nesse artigo, uma vez que são poucos os estudiosos que dão valor à *Revista Espírita*. Trata-se

do fato de Allan Kardec ter dito que nele **se terá novas observações que completará o descrito em *A Gênese*,** no capítulo dos fluidos. Assim, os que não estudam a coleção dessa obra jamais conhecerão o pensamento completo do Codificador.

Como todos nós sabemos, os fluidos espirituais são um dos estados do fluido cósmico universal, que manipulado pelos Espíritos através do pensamento e da vontade, "*formam conjuntos tendo uma aparência, uma forma, uma cor determinada*", segundo eles desejam.

Nem sempre as transformações que ocorrem são intencionais, pois às vezes elas são produzidas inconscientemente. Um bom exemplo disso é o Espírito apresentar-se com a vestimenta e sinais exteriores – enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc. –, que possuía quando vivo. Como explicou Allan Kardec "*o pensamento, criando imagens fluídicas, se reflete no envoltório espiritual como numa vidraça.*" Ora, isso nos coloca diante do fato que esse tipo de criação é algo específico e não se pode generalizar para todas as criações fluídicas.

Poderá, ainda, criar "***objetos*** *dos quais tinha hábito de se servir*", porém a existência deles é tão fugidia quanto o pensamento.

Como no início da transcrição lemos que "*O fenômeno da fotografia do pensamento* ***se ligando ao das criações fluídicas***", então, seguramente, podemos dizer que a fotografia do pensamento é um tipo de criação fluídica.

Assim, a certa altura é informado sobre a questão do pensamento criar "*imagens fluídicas*", que também refletem no perispírito, tais como, por exemplo, "*a ideia de matar um outro*", de forma que o corpo fluídico "*é posto em ação pelo pensamento do qual reproduz toda as nuanças*".

E um outro tipo de criação fluídica, na qual temos apenas a criação de imagens, processo que bem se assemelha a um "filme" que passa o plano idealizado por alguém de matar outra pessoa.

A conclusão, óbvia por sinal, é que nem toda criação fluídica é como a que ocorre com a fotografia do pensamento: eis o ponto importantíssimo que devemos levar em consideração para não cairmos

em interpretações equivocadas.

Temos algo importante no último parágrafo da transcrição, no qual Allan Kardec esclarece que "*a teoria das criações fluídicas pode ser, doravante, considerada como adquirida em princípio,* ***salvo as aplicações de detalhes que são o resultado da observação****.*" As aplicações de detalhes podem ser exatamente o que influenciará no entendimento da criação fluídica. E aqui fica bem evidente que há coisas da revelação espírita que ainda carecem de maior detalhamento como resultado da observação.

Entendemos que as situações que provocariam transformações no perispírito estão ligadas a uma ação completamente diferente das de criar objetos com os quais se servia, e, mais ainda, de criações fluídicas no plano de existência dos Espíritos que abandonaram o corpo físico pela porta da morte.

8ª) ***Revista Espírita 1869***

a) No mês de março, no artigo "Aparecimento de um filho vivo à sua mãe", destacamos o seguinte trecho do comentário de Allan Kardec:

Alguém que não conhece senão superficialmente o Espiritismo, mas admite perfeitamente a possibilidade de certas manifestações, **perguntou-nos a esse respeito como o filho, que estava em sua cama, pudera se apresentar à sua mãe com as suas roupas**. Eu concebo, dizia ele, a aparição pelo fato do desligamento da alma; mas **não compreendo porque os objetos puramente materiais, como as vestes, tenham a propriedade de transportar ao longe uma parte quintessenciada de sua substância**, o que suporia uma vontade.

Também, respondemos-lhe, as roupas, tão bem quanto o corpo material do jovem, ficaram em seu lugar. **Depois de uma curta explicação sobre o fenômeno das criações fluídicas**, acrescentamos: **O espírito do jovem se apresentou na casa de sua mãe com o seu corpo fluídico ou perispiritual**. Sem ter tido o desejo premeditado de se vestir com as suas roupas, sem ter feito este raciocínio: "Minhas roupas de tecido estão lá; eu não posso vesti-las; é preciso, pois, fabricar as roupas fluídicas que delas me darão a aparência," **bastou-lhe pensar em sua roupa habitual** naquela que teria tomado em circunstâncias comuns, **para que este pensamento desse ao seu perispírito a aparência dessa mesma roupa**; pela

> mesma razão, teria podido se apresentar em roupa de dormir, se tal tivesse sido seu pensamento. Essa aparência era tornada por ele mesmo uma espécie de realidade; não havia senão uma consciência imperfeita de seu estado fluídico, e, do mesmo modo que certos Espíritos não se creem ainda desse mundo, ele acreditava vir à casa de sua mãe em carne e em osso, uma vez que a abraça como de hábito.
>
> **As formas exteriores que revestem os Espíritos que se tornam visíveis são, pois, verdadeiras criações fluídicas, frequentemente inconscientes**; a roupa, os sinais particulares, as feridas, os defeitos do corpo, os objetos dos quais se faz uso, **são o reflexo de seu próprio pensamento no envoltório perispiritual**. ([64])

Em relação à roupa, a ocorrência é explicada: "*bastou-lhe (filho vivo) pensar em sua roupa habitual naquela que teria tomado em circunstâncias comuns, para que este pensamento desse ao seu perispírito as aparências dessa mesma roupa*", o que demonstra ser uma transformação do perispírito ou, talvez, uma espécie de impressão nele, e não propriamente uma criação fluídica à parte das vestimentas.

É interessante a informação de que essas transformações são, frequentemente, realizadas de forma inconsciente.

b) Do artigo “Profissão de fé espírita americana”, publicado no mês de abril, ressaltamos, por oportuno, o seguinte trecho das considerações do Codificador:

> 3. – Desprendidos do corpo carnal, **os Espíritos constituem o mundo invisível ou espiritual**, que nos rodeia e em cujo meio vivemos.
>
> **As transformações fluídicas produzem imagens e objetos tão reais para os Espíritos, eles próprios fluídicos**, quanto o são as imagens e os objetos terrestres para os homens, que são materiais. **Tudo é relativo em cada um desses mundos**. [...]. ([65])

Se “*tudo é relativo em cada um desses mundos*”, as criações fluídicas em cada um deles devem ser analisadas de forma diferente.

Obras posteriores às da Codificação

O primeiro personagem da lista não poderá ser outro senão Léon Denis (1846-1927), considerado "*o grande apóstolo do Espiritismo e sucessor de Allan Kardec*" ([66]). Em ***Depois da Morte*** (1889), explica-nos:

> **O espírito,** sendo ele próprio fluídico, **age sobre os fluidos do Espaço**. **Sua vontade poderosa combina-os, dispõe-nos à sua maneira, empresta-lhes cores e as formas que respondem ao seu objetivo**. **Através desses fluidos executam-se obras que desafiam qualquer comparação e qualquer análise**.
>
> **Nas moradas etéreas desdobram-se festas espirituais**. Os espíritos puros, resplandecentes de luz, aí se agrupam por famílias. ([67])

Vê-se, portanto, o Espírito "*age sobre os fluidos do espaço*" e que "*através desses fluídos executam-*

se obras". Nesse contexto, a expressão "*moradas etéreas*" – empregada por Léon Denis com sentido diverso daquele utilizado por Allan Kardec, em *A Gênese*, capítulo VI, item 61 ([68]) – assume claramente o sentido de lugares ou habitações. Desse modo, admitir a existência de agrupamentos maiores, como cidades, não constitui extrapolação indevida, mas uma aplicação coerente desse princípio.

Isso fica evidente ao lermos o trecho a seguir, que finalizava o primeiro parágrafo das edições anteriores a 1909 e foi suprimido por Léon Denis:

> **Construções aéreas,** de cores brilhantes, de zimbórios resplendentes: **sítios imensos** onde se reúnem em conselho os delegados do Universo; **templos de vastas proporções**, de onde se elevam acordes de uma harmonia divina; **quadros variados**, luminosos, reproduções de vidas humanas, vidas de fé e de sacrifício, apostolados dolorosos, dramas do infinito. **Como descrever magnificências que os próprios Espíritos se declaram impotentes para exprimir no vocabulário humano?** ([69])

A descrição de “*sítios imensos*”, “*construções etéreas*” e “*templos de vastas proporções*” reforça, portanto, a compreensão de que as “*moradas etéreas*” não são apresentadas apenas como estados subjetivos ou condições espirituais, mas também como lugares nos quais os Espíritos podem reunir-se, habitar e realizar atividades. Nesse sentido, a ideia de agrupamentos espirituais mais amplos não parece estranha ao pensamento de Léon Denis.

No parágrafo introdutório do capítulo “Único – Ensaio sobre as criações da vontade”, da quarta parte da obra ***A Alma é Imortal*** (1897), Gabriel Delanne (1857-1926) explica:

> **Um fenômeno absolutamente geral, comprovado em todas as aparições, é que estas se mostram sempre com os trajes que o paciente costuma usar**, quando elas resultam de um desdobramento, ao passo que se apresentam envoltas em largos panos, quando é a alma de um morto que se manifesta. Para explicarmos a produção dessas aparências, necessário se faz digamos o que entendemos por vontade e mostremos que não só a vontade existe realmente, como faculdade da alma, mas

também que exerce seu poder, durante a vida, fora do corpo terrestre e, a *fortiori*, além do perispírito no espaço. ([70])

Um pouco mais à frente, no tópico “Ação da vontade sobre os fluidos”, lemos:

> Eis-nos agora armados de todos os conhecimentos necessários a explicar como **os Espíritos se apresentam revestidos de túnicas, de amplas roupagens, ou mesmo de suas roupas costumeiras**. Precisávamos demonstrar o poder da vontade fora do corpo. Fizemo-lo. Sabemos que **os fluidos são formas rarefeitas da matéria**; temos pois, ao nosso alcance, todos os documentos necessários. Aqui está, agora, a teoria espírita relativa a esse gênero de fenômenos.
>
> **O Espírito haure, da matéria cósmica ou fluido universal, os elementos de que necessita para formar, à sua vontade, objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra.** Pode igualmente, pela ação da sua vontade, operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe dá certas propriedades. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce, quando necessário, como um ato instintivo, sem dele se aperceber. **Os**

objetos que o Espírito forma têm existência temporária, subordinada à sua vontade ou a uma necessidade. Pode fazê-los e desfazê-los a seu bel-prazer. Em certos casos, tais objetos assumem, aos olhos de pessoas vivas, todas as aparências da realidade, isto é, tornam-se momentaneamente visíveis e, mesmo, tangíveis. **Há formação, porém, não criação**, porquanto do nada o Espírito nada pode tirar.

Nos exemplos que aduzimos, **a criação das vestes é atribuível a uma ação inconsciente, mas real, do Espírito, que materializou suficientemente aqueles objetos, para os tornar visíveis**. A ação é a mesma que nos casos de materialização. É de notar-se, nas experiências de Crookes, que Katie King se mostra envolta em panos que podem ser tocados, mas que desaparecem com ela, finda a manifestação.

Poder-se-á admitir que o Espírito crie inconscientemente imagens fluídicas, ou, por outra, que seu pensamento, atuando sobre os fluidos, possa, a seu mau grado, dar-lhes existência real? Sabemos, de fonte pura, que, voluntariamente, um objeto ou uma criatura podem ser representados mentalmente, de modo bastante real, para que um médium vidente chegue a descrever essa ideia. Fomos testemunhas várias vezes desse fenômeno e daqui a pouco veremos que experiências feitas com pacientes

hipnóticos estabelecem a objetividade dessas formações mentais.

E involuntariamente, será possível? Os estados do sonho como que indicam de que maneira a ação se executa. Quando temos um sonho lúcido, habitualmente nos achamos nele vestidos de um modo qualquer, o que provém da circunstância de estar a ideia de vestes associada sempre, de forma inteira, à imagem da nossa pessoa.

Se pensamos numa reunião de gala ou numa festa à noite, vemo-nos em trajes de cerimônia, como nos vemos em trajes caseiros se pensamos no nosso domicílio. Essa imagem, se se exteriorizasse bastante, pareceria vestida. Podemos, pois, imaginar que nos casos de desdobramentos, que são objetivações inconscientes, a imagem das vestes acompanha sempre o Espírito e experimenta, como ele, um começo de materialização.

O mesmo se dá com os objetos usuais de que costumamos servir-nos: logo que neles pensamos, temos as suas representações mentais, que se pode projetar fluidicamente no espaço. É o que se passa no sonho, com a diferença de que tais produtos da imaginação, em geral, pouco duram. **Há casos, no entanto, em que essas representações mentais persistem por certo tempo e se objetivam**. [...]. ([71])

O foco de Gabriel Delanne foi a transformação do perispírito que poderá ocorrer nas aparições e materializações, nada mais informando sobre as criações fluídicas. Aliás, para ele, não há criação propriamente dita, mas formação, uma vez que "*do nada o Espírito nada pode tirar*".

Ao afirmar que "*O Espírito haure, da matéria cósmica ou fluido universal, os elementos de que necessita para formar, à sua vontade, objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra*" que, a bem da verdade, é uma transcrição de trecho do artigo "Mobiliário do além-túmulo" publicado na *Revista Espírita 1859*, tivemos a impressão de que Gabriel Delanne abriria a hipótese para criação de objetos fora dos limites do perispírito, mas não é a isso que parece se referir.

Será oportuno vermos o que Gabriel Delanne disse a respeito do vestuário em ***Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos. Tomo I: Os Fantasmas dos Vivos*** (1909):

> **Muitas vezes as pessoas zombam do vestuário fluídico das aparições**, mas

> gostaria de salientar que os escarnecedores devem culpar a própria natureza, porque só ela é culpada de ofender nossos preconceitos dessa maneira; **as descrições dos acessórios que acompanham as aparições são pura e simplesmente o relato de fatos** que se observam com as almas dos vivos ou dos mortos, **e mesmo que fossem inexplicáveis, acrescentariam apenas uma região muito pequena ao vasto território das coisas que nunca entendemos**. Mas talvez a criação dessas aparências não seja absolutamente inconcebível, como mostraremos mais adiante. ([72])

Não temos nenhuma dúvida de que poderemos aplicar para as construções no mundo espiritual o seguinte trecho dessa fala de Gabriel Delanne: "*e mesmo que fossem inexplicáveis, acrescentariam apenas uma região muito pequena ao* ***vasto território das coisas que nunca entendemos***".

Curiosamente, na atualidade, nos aparecem pseudossábios espíritas que agem como quem conhece profundamente esse "*vasto território*".

Em ***A Vida no Outro Mundo*** (1932), Cairbar Schutel (1868-1938) esclarece-nos:

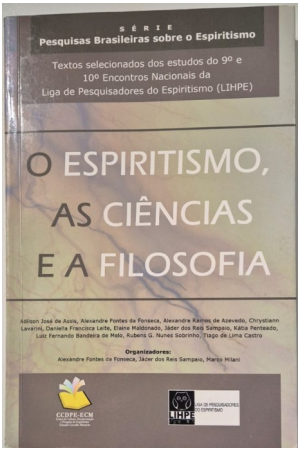
> E a tudo isto precisamos acrescentar **as construções e criações fluídicas operadas com a força do pensamento e da vontade**, assuntos de que Allan Kardec tratou magistralmente no *Livro dos Espíritos*, no *Livro dos Médiuns* e o que outros reveladores têm feito mais circunstanciadamente ainda.
>
> Pode-se, finalmente, concluir, de tudo isso, que os seres viventes, após a morte do invólucro físico, permanecem no Além, em meios que lhes são peculiares, conservando, até ulterior evolução, a forma que tinham na Terra, nos ares, nas águas.
>
> **É assim que se pode entender o fato de ser o nosso mundo um reflexo do Mundo dos Espíritos**, que é revelado agora, **não mais como uma abstração, mas, sim, como uma realidade;** e parece-nos razoável sejam as plantas, as flores, nesse mundo, muito mais belas e perfumadas que as nossas, pois, em sua essência, não poderiam deixar de ser, bem assim os animais, muito mais inteligentes e bonitos que os terrenos. ([73])

Muito curioso o fato de o "*grande apóstolo do Espiritismo*" falar quase da mesma forma que o Espírito Mesmer ao dizer: "*É assim que se pode entender o fato de ser o nosso mundo um reflexo do*

Mundo dos Espíritos”.

Século XX, o pesquisador que se utilizou do método kardeciano

O personagem que destacaremos aqui é o pesquisador italiano Ernesto Bozzano (1862-1943), que, particularmente, considero ter seguido os passos do Mestre de Lyon, ao utilizar-se de seu método de pesquisa.



Para demonstrar que não estamos sozinhos nessa ideia, trazemos a opinião do confrade Chrystiann Lavarini, mestre em geografia e análise ambiental, que na obra ***O Espiritismo, as Ciências e a Filosofia*** (2014), contendo textos selecionados dos estudos do 9º e do 10º Encontros Nacionais da Liga de Pesquisadores do Espiritismo (ENLIHPE) ([74]), afirma que:

> A obra "***A Crise da Morte***", elaborada em 1926 pelo eminente pesquisador espírita Ernesto Bozzano, **é uma exceção frente as diversas psicografias não validadas por métodos de investigação**. [...].
>
> **Por ser o resultado da *Análise Comparada* dos relatos de dezessete** ([75]) Espíritos em condições medianas, muitos deles obtidos no período do surgimento do Espiritismo, **esta obra assemelha-se, em termos metodológicos, ao modelo de pesquisa utilizado por Allan Kardec na elaboração da Doutrina dos Espíritos** ([76]). ([77])

Portanto, fica bem claro que Chrystiann Lavarini corrobora o que pensamos sobre a metologia empregada por Ernesto Bozzano nas pesquisas que realizava.

Inicialmente, destacaremos de "Conclusões" da obra ***Pensamento e Vontade*** (1927), de sua autoria, o seguinte trecho:

> [...] ao dizer que o Universo é a expressão do pensamento divino, *perpetuamente sustentado* por sua vontade, o Sr. Barrett ([78]) afirma uma ideia ligada por estreita analogia às manifestações da

> ideoplastia e das imagens mentais, pois a verdade é que, **salvo circunstâncias especiais, as criações mentais persistem sob a condição de não cessar o pensamento criador**.
>
> Desde que cesse o alimento pensante, essas criações se dissipam imediatamente. ([79]) (itálico do original)

Esse ponto é importante, pois na criação mental que for mais duradoura, vamos assim dizer, certamente, ela estará sustentada pela mente de Espíritos em uma condição evolutiva mais elevada.

Foi em ***A Crise da Morte*** (1930), de Ernesto Bozzano que encontramos uma quantidade mais significativa a respeito de criações mentais. Entre os trinta casos narrados nessa sua pesquisa, vejamos os seguintes, nos quais veremos tanto o que os Espíritos disseram quanto a opinião do autor:

> a) Caso III (**Espírito Jim Nolan**):
>
> "P. – Conte para nós as suas primeiras impressões no mundo espiritual.
>
> R. – [...] **Quando entrei em ambiente espiritual, parecia-me estar passeando em terreno sólido**, e vi uma velha vir ao

meu encontro. Ela me dirigiu a palavra: 'Jim, então você veio até nós?' Olhei para ela atentamente, e exclamei: 'Oh! Vovó, é você?' 'Eu mesma, querido Jim. Venha comigo'. **E me conduziu para longe, à sua morada**. Ali chegando, **disse-me que eu tinha de descansar e dormir. Deitei, e adormeci por longo tempo...**

P. – **A morada de que fala tinha a aparência de uma casa?**

R. – **Mas claro... No mundo dos espíritos existe a força do pensamento, com a qual é possível criar todas as comodidades que se deseja.**" ([80])

É oportuno, trazermos este trecho dos comentários de Bozzano:

Esta última informação, que no caso em análise remonta a oitenta anos, **não é apenas um dos detalhes fundamentais em que todos os espíritos são unânimes em afirmar**, como também a chave com que se explicam, se resolvem, se justificam todas as informações e as descrições, aparentemente absurdas, incríveis, ridículas, fornecidas pelos espíritos que se comunicam falando a respeito da sua estada espiritual. [...].

Lembrarei que **essa grande verdade** que nos foi **revelada pelos espíritos comunicantes pode resolver um acúmulo enorme de perplexidades**

teóricas, determinadas pelas informações fornecidas por estes acerca do mundo espiritual, [...]. Essa grande verdade, capaz de resolver todos os enigmas teóricos em questão, e que **se baseia na potência criadora do pensamento em ambiente espiritual**, é confirmada de maneira impressionante, com base nos fatos, em ambiente terreno, e isso em consequência da circunstância de que **o pensamento e a vontade, mesmo na existência encarnada, mostram-se capazes de criar e dar formas concretas às coisas pensadas e desejadas, assim como nos é informado o que acontece em ambiente espiritual**, ainda que na Terra o fenômeno realize-se exclusivamente no caso de sensitivos especiais. Refiro-me com isso aos **fenômenos maravilhosos da "fotografia do pensamento" e da "ideoplastia"**, aos quais dediquei em 1926-1927 uma longa monografia, **onde são demonstradas, com fatos, a sua realidade incontestável** e a sua portentosa eficiência. Assim, deve-se concluir que **já no mundo dos vivos o pensamento e a vontade revelam o poder de se tornarem concretos**, manifestando-se em formas mais ou menos substanciais e permanentes, ainda que isso ocorra sem finalidade na existência encarnada e aconteça apenas com sensitivos em condições fisiológicas um pouco anormais, que correspondem a

estados mais ou menos avançados de desencarnação do espírito. […].

Observo ainda que a outra circunstância das entidades encarnadas que afirmam que **tais condições de vida espiritual são transitórias e dizem respeito apenas à Esfera mais próxima do mundo terreno, isto é, àquela destinada a receber os espíritos recém-chegados**, não vale apenas para justificar plenamente tais condições da existência, mas **demonstra principalmente a sua providencial razão de ser.** […] Para isso proveria maravilhosamente **a potência criadora do pensamento**, que permitiria ao espírito, julgando-se ainda em forma humana, reencontrar-se desta mesma forma; e acreditando estar vestido, ver-se coberto de roupas que, apesar de etéreas, pareceriam materiais para o desencarnado, como as vestimentas terrenas. **No mundo espiritual ele reencontraria também um ambiente e uma casa correspondentes aos próprios hábitos da Terra – morada preparada para ele pelos familiares que o precederam na existência espiritual**. […]. ([81])

b) Caso VI (**Espírito Amicus**):

"A esta altura, **é aconselhável eu mencionar a natureza da substância usada para as construções ou para as**

criações no plano espiritual, bem como os métodos empregados, e o modo pelo qual são utilizados. **O nosso é o mundo do pensamento, e todas as coisas podem nele ser vistas. Elas são a ele tangíveis, utilizáveis: são criações do pensamento**. [...] **À nossa volta assumem forma as criações do nosso pensamento, as quais se fundem e se harmonizam com as criações do pensamento dos outros. Algumas dessas criações são exteriorizações inconscientes do pensamento espiritual, enquanto outras, ao contrário, nascem da força criadora do pensamento dirigida pela vontade, com objetivos determinados**. Nós somos seres constituídos de pensamento, **existentes em um mundo criado pelo pensamento, e tudo o que desejamos, bem como tudo o que operamos, o fazemos pelo dinamismo do pensamento**. [...]." ([82])

c) Caso XVII Espírito Felícia Scatcherd):

"**Fui logo levada pelos espíritos que vieram me receber: eles me explicaram que tinham construído o seu pequeno mundo maravilhoso extraindo-o daquela névoa perolada que eu percebia condensando as suas 'vibrações', infinitamente sutis**, com a potência do pensamento. Eles **projetavam as formas do pensamento** naquele meio,

e elas se revestem de substância espiritual; **com isso chegam gradativamente a criar o seu próprio ambiente**. Eu, claro, ainda não estava em condições de projetar as formas do meu pensamento nesse mundo exclusivamente mental; assim, os espíritos me levaram para a maravilhosa morada que eles tinham criado para mim. Mais tarde aprenderei a construir eu mesma o meu pequeno mundo pessoal...

"Quanto ao ambiente em geral somos sempre nós mesmos que concorremos coletivamente para criá-lo, e cada um contribui com a sua pequena parcela. Naturalmente há uma divisão de tarefas, depois que todos chegaram a um acordo sobre o conjunto a ser criado. **Um grande número de espíritos não trabalha em tais criações**, pois isso é uma tarefa reservada àqueles que manifestam disposições naturais para esse tipo de encargo. **A paisagem que me rodeia surge completa em si mesma e maravilhosa: entretanto, nada mais é do que a nossa paisagem. Explicam-me que de fato existem além dela outras bem diferentes, uma vez que há muitas almas pouco desenvolvidas que não podem apreciar nada que se afaste do ambiente terreno**.

"Você não pode imaginar o quanto é eletrizante o sentimento de criar dessa

maneira. A intensidade passional com que todos mergulham nisso não pode ser transmitida em palavras...

"**Foi-me relatada a existência de outras Esferas muito superiores à nossa**, e às quais desejo e espero chegar um dia, por mais que este dia ainda esteja longe para mim. **Os espíritos eleitos que ali se encontram executam com o poder da vontade coisas que vocês julgarão impossíveis, mas isso não impede que sejam verdadeiras**. Destas Esferas se soltam as 'centelhas de Vida', sob forma vamos dizer de um 'fluxo vital' que chega ao mundo de vocês e é absorvido pelo reino vegetal. **Para se chegar a tal poder é preciso alcançar uma extrema perfeição espiritual**; entretanto todos podemos atingi-la. É o que me dizem... ([83])

Em seus comentários, Bozzano é categórico:

[...] **a potencialidade criadora do pensamento**, da forma que se revela na personalidade humana, **é resultado da natureza evolutiva** proveniente do plano espiritual, e aperfeiçoada **além de toda a capacidade de concepção humana**. [...]. ([84])

d) Caso XXI (*Uma mãe se comunica através da filha*):

“Um dos grandes atrativos desse plano consiste no fato de que, por mais que haja aspectos de sua configuração geral que são imutáveis, ao mesmo tempo há nele uma espécie de configuração particular sobreposta se assim é lícito exprimir-se a qual, ao contrário, é extremamente mutável. **Isso ocorre porque todos nós possuímos faculdades criadoras que exercitamos perpetuamente sobre o ambiente imediato em que existimos**; dessa maneira, cada mudança em nossa maneira de sentir e de pensar traz uma mudança correspondente no ambiente ao nosso redor. Mesmo **as nossas roupas são criações do nosso pensamento, formadas com elementos extraídos do ambiente em que existimos**. Eu ainda não compreendo exatamente o processo pelo qual se determina o milagre, mas o fato é que tais manifestações exteriores do nosso pensamento traduzem as disposições inferiores do nosso espírito. Disto resulta que, para os espíritos que existem há longo tempo nesse ambiente, as roupas constituem um símbolo infalível que lhes revela o intrínseco valor moral do espírito que se reveste com elas.

“**Ainda que a natureza deste mundo pareça muito diferente da do mundo terreno, mesmo assim os dois mundos se assemelham**, com a diferença de que **o mundo espiritual mostra-se muito mais**

refinado, etéreo; é só..." ([85])

Dos comentários de Bozzano:

Excetuando-se isso, **a sua narração concorda em cada detalhe com as outras descrições do gênero**. De fato, **ela passa por uma fase de sono restaurador**, que se harmoniza com o sono da morte, de forma a poupar-lhe os estados de ansiedade e de confusão inerentes à crise suprema. Além disso, **ela é acolhida no mundo espiritual pela formação compacta dos espíritos dos desencarnados que ela amou em vida**; também se revela que ela **se encontra em forma humana no plano espiritual**. Deve-se por fim observar que ela informa que naquele mundo **os espíritos conversam por transmissão de pensamento**, que **naquele ambiente é uma cópia espiritualizada do plano terreno e que o pensamento e a vontade espirituais são forças criadoras**. Sobre este último item é oportuno atentar para um *detalhe secundário* que está perfeitamente de acordo com o que afirmam os demais espíritos comunicantes: que **a configuração da paisagem "astral" é constituída por uma série de criações do pensamento e da vontade de entidades espirituais muito elevadas, colocadas no governo das Esferas**

espirituais inferiores. **Nesse caso as criações são imutáveis.** Já as outras, ao contrário, são transitórias e extremamente mutáveis, enquanto resultado da concretização do pensamento e da vontade de cada entidade desencarnada, ao projetar o ambiente desejado no momento. ([86]) (itálico do original)

e) Caso XXV (Espírito Rodolfo Valentino) (dos comentários de Bozzano):

Voltando à "**potencialidade criadora do pensamento**" no plano espiritual, narrarei este único trecho:

"Tudo o que existe aqui parece constituído pelas diversas modalidades com as quais a força do pensamento se manifesta. **E a substância criada pelo pensamento parece ser, na verdade, mais sólida e duradoura do que a pedra e os metais**. Talvez isso seja **difícil de ser compreendido por vocês, e não parece conciliar-se com o conceito que alguns podem formar sobre as maneiras com que a força do pensamento deveria se manifestar**. Eu, por exemplo, **cheguei a imaginar que se tratava de criações formadas de matérias vaporosas e, ao contrário, são mais sólidas, revestidas de tintas mais vivas, do que tudo o que é sólido e colorido no ambiente terreno**. **As casas são construídas por espíritos**

que se especializaram em modelar, com a força do pensamento, essa matéria espiritual. E eles as constroem sempre como os outros espíritos as desejam, uma vez que **retiram do inconsciente destes últimos os modelos mentais dos seus desejos**."

A respeito do trecho exposto, observo que do ponto de vista científico **não deveria causar nenhuma surpresa a observação do espírito com comunicante a respeito da aparência sólida tanto ou mais do que a da pedra das construções psíquicas em ambiente espiritual**, considerando-se que é sabido, como **a ciência tem demonstrado, que a solidez da matéria é pura aparência**. Disso resulta que o atributo "solidez" é tão-somente uma questão de "relação" entre sujeito e objeto; ou seja, isso significa que **para nós seres constituídos da mesma matéria do ambiente em que vivemos esse ambiente deve necessariamente parecer sólido**, uma vez que existe uma **perfeita relação entre sujeito e objeto**. Analogamente, para um espírito revestido de um "corpo etéreo" deverá parecer da mesma forma sólido o ambiente etéreo em que está, e isso pela idêntica razão da existência de uma perfeita relação entre sujeito e objeto. Em contrapartida, ao mesmo espírito deverão parecer sombras evanescentes as pessoas vivas e o ambiente

terreno, e isso na ausência de relações entre as condições em que ele existe e opera, e as condições em que existem e operam os seres vivos; sem contar que ele terá a confirmação daquilo que presume quando lhe acontecer passar através de um muro como se este não existisse.

Ressalto ainda que a última observação contida no trecho aqui considerado, e no qual se afirma que as "**habitações são construídas por espíritos os quais se especializaram em modelar com a força do pensamento a substância espiritual**", **está em perfeito acordo com aquilo que uma outra personalidade mediúnica havia afirmado no Caso XVII**. Esta última, falando de tais construções psíquicas, observa: "**Um grande número de espíritos não trabalha em tais criações**, pois fazê-lo **está reservado àqueles que manifestam disposição natural para essa tarefa especial**." Em se tratando de uma concordância relativa a um *detalhe secundário*, ela resulta teoricamente mais importante do que muitas outras relativas a *detalhes fundamentais*, visto que a hipótese das "coincidências fortuitas" torna-se cada vez menos verossímil à medida que as concordâncias entre as descrições dos espíritos comunicantes se referem a detalhes cada vez mais minuciosos ou de pouca importância. ([87]) (itálico do original)

f) Caso XXX Espírito Celphra):

"Enquanto a alma (a ser diferenciada do espírito) do recém-chegado está vinculada ao mundo dos vivos em uma graduação qualquer, **o espírito do recém-chegado não pode deixar de existir em uma condição quase terrena**, e isso pelo fato dele se encontrar em ambiente onde a realização do próprio ser se determina em virtude do conjunto de concepções a respeito de si mesmo. **Acontece, então, que ele ainda tem necessidade de saborear alegrias quase terrenas, de encontrar-se em meio a familiares e amigos, de procurar suas ocupações favoritas**, tudo isso com uma transformação para melhor, correspondente às condições espirituais em que se encontra. Repito: **essa é a causa pela qual nas Esferas espirituais próximas do mundo dos vivos os espíritos existem em condições análogas às terrenas**. E tudo isso vale para explicar a vocês a razão pela qual tantos espíritos pouco circunspectos se comunicam mediunicamente para revelar aos seres vivos sedentos de coisas maravilhosas a sua existência em meio espiritual semelhante ao terreno. (pág. 97).

Das considerações de Bozzano, antes de narrar esse caso, destacamos:

> Isso sai dos limites que me impus no presente trabalho, mas acredito que provavelmente essa questão deva ter surgido com insistência para muitos leitores, os quais, a respeito da **análise comparada aplicada às revelações transcendentais**, devem ter se perguntado: muito bem, **agora sabemos, com base nos fatos, que os espíritos dos desencarnados entram em uma primeira fase de existência espiritual que significa uma reprodução espiritualizada do ambiente e da existência terrena; fase transitória**, ainda que de longa duração, que teria a finalidade de predispor gradativamente os recém-chegados para a vida espiritual propriamente dita. Tudo isso já aparece como uma soma importante de conhecimentos adquiridos a esse respeito; mas o que pensar da existência espiritual propriamente dita? Como concebê-la? O que significa passar para o estado de "puros espíritos"? ([88])

É digo de nota que um pesquisador de primeira linha como Ernesto Bozzano não teve a menor dificuldade para aceitar as construções no mundo espiritual, para ele parecia ser algo óbvio. Inúmeras vezes o vimos dizer, por exemplo, tratar-se da "*potencialidade criadora do pensamento*", e "*o*

pensamento e a vontade espirituais são forças criadoras", justificando a existência delas.

Mas "os sábios da atualidade", na esmagadora maioria, com pífia obra literária, quando a tem, não chega nem aos pés da desse erudito pesquisador italiano, são os que as negam.

Resta-nos citar o livro ***Fenômenos de "Transporte"***, no qual Ernesto Bozzano, lista trinta casos. O que nos interessa é o primeiro da lista:

> Caso I – Malgrado a variedade e a importância dos fenômenos de "transportes" obtidos com a mediunidade do rev. Moses, em que, entre outros, se classifica a rara especialidade de "transportes" de **pequenas gemas (pérolas orientais. esmeraldas, safiras, bem como camafeus de origem supranormal)**, raros são os episódios que apresentam algumas das características aqui contempladas. Não obstante, verificaram-se chuvas de pérolas orientais em plena luz (até trinta perolazinhas de uma só vez) e isto nos intervalos entre uma e outra das sessões, no momento em que os experimentadores passavam à sala de refeições para tomar chá e, em outra circunstância, a sra. Speer viu uma

> perolazinha oriental pousar em cima do papel da carta no qual escrevia.
>
> Não me estendo sobre essa fase interessantíssima da mediunidade de Moses porquanto **o espirito-guia "Rector" já explicara que não se tratava de "transportes" verdadeiros e sim de "criações espíritas"**. Observo, de qualquer maneira, **que se tratava de "criações" de gemas autênticas e duradouras** e, quando Moses, conforme ordem recebida, foi a uma joalheria para fazer engastar, em um anel, o magnífico rubi mediúnico que devia trazer constantemente no dedo, o joalheiro, depois de tê-lo longamente examinado, observou que aquele rubi era de uma beleza e de uma pureza excepcionais. (p. 16)

O que Ernesto Bozzano designou de "criações espíritas" diremos "criações fluídicas", sem dúvida alguma. Interessante é que ele, no relato, apresenta o Espírito Rector que afirma categoricamente, eu "*não se tratava de 'transportes' verdadeiros, mas sim de 'criações espíritas"*, que produziram "*gemas autênticas e verdadeiras*". Que diante de um rubi "mediúnico", que lhe fora apresentado, o joalheiro "*observou que aquele rubi era de uma beleza e de*

uma pureza excepcionais”. Eis aí uma prova “concreta” de que, em certos casos, as criações fluídicas produzem objetos papáveis e não “vaporosos”.

As aparições de animais seriam tão-somente criações fluídicas?

As aparições de espíritos de animais tornam-se tema polêmico ([89]), porquanto, pelas revelações contidas nas obras da Codificação, não haveria animais no mundo espiritual e, além disso, Espíritos inferiores poderiam tomar a aparência de animais.

Analisaremos, na sequência, cada uma destas duas possibilidades.

Vejamos a seguinte questão de ***O Livro dos Espíritos***:

> 600. *Sobrevivendo ao corpo em que habitou,* ***a alma do animal fica num estado errante*** *semelhante ao em que se acha o homem após a morte?*
>
> "**Fica numa espécie de erraticidade,** já que não está mais unida ao corpo, **mas não é um Espírito errante**. O Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade; o dos animais não tem a

> mesma faculdade. É a consciência de si mesmo que constitui o principal atributo do Espírito. **Após a morte, o Espírito do animal é classificado pelos Espíritos que se encarregam dessa tarefa e utilizado quase imediatamente; não dispõe de tempo para se relacionar com outras criaturas**." ([90]) (itálico do original)

Em ***O Livro dos Médiuns***, item 283 – Evocação de animais, lemos:

> 36. *Pode-se evocar o Espírito de um animal?*
>
> "Depois da morte do animal, o princípio inteligente que nele havia se acha em estado latente e **é logo utilizado, por certos Espíritos incumbidos disso, para animar novos seres**, nos quais ele continua a obra de sua elaboração. Assim, no mundo dos Espíritos, **não há Espíritos errantes de animais**, mas somente Espíritos humanos. Isto responde à vossa pergunta." ([91]) (itálico do original)

Na obra **A Gênese**, capítulo "XIV – Os fluidos", tópico "Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas. Fotografia do pensamento", no item 14, há

um ponto que vem colocar mais lenha na fogueira. Este trecho já o citamos, mas é necessário voltarmos a ele para destacar algo importante:

> Por um efeito análogo, **o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele estava habituado a usar**. Um avarento manuseará ouro; um militar trará suas armas e seu uniforme; um fumante, o seu **cachimbo**; **um lavrador,** o seu arado e seus bois; uma mulher velha, a sua **roca**. Para o Espírito, que também é fluídico, **esses objetos fluídicos são tão reais como eram antes, no estado material, para o homem vivo**; mas em virtude de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugaz quanto o próprio pensamento que os gerou. ([92])

Da referência a "seus bois" acrescida à informação de que não há animais na erraticidade, alguns confrades concluíram que esses bovídeos se tratavam de criações fluídicas e aí generalizaram para todos os animais cujas aparições são relatadas.

Não entendemos dessa forma, ao dizer da possibilidade de "*o pensamento do Espírito* ***cria fluidicamente os objetos*** *que ele estava*

habituado a usar" e depois citar o cachimbo, o arado e seus bois e a roca afirmando que "***esses objetos fluídicos*** *são tão reais como eram antes, no estado material, para o homem vivo*". Allan Kardec está se referindo apenas a objetos de uso habitual e diante disso, julgamos que nessa história "*os bois*", não seriam animais, mas fazem parte da paisagem "*o arado e seus bois*" fotografada pelo Espírito. Provavelmente, no contexto, "*seus bois*" seriam apenas "objetos inertes" e não propriamente seres semoventes.

Ademais, em nenhuma das obras da Codificação Espírita encontraremos algo que, de forma expressa ou sutil, dê sustentação à criação fluídica de seres animados, no caso, de animais. Se alguém achar, pedimos que nos faça o favor de informar.

O artigo "Os Espíritos glóbulos", publicado na ***Revista Espírita 1860***, mês de fevereiro, no seu último parágrafo tem algo importante dito por Allan Kardec que não podemos deixar de o mencionar:

Os únicos sinais que, realmente,

> **podem atestar a presença de Espíritos são os sinais inteligentes.** Enquanto **não ficar provado que as imagens**, de que acabamos de falar, ainda que dotadas de forma humana, **têm movimento próprio, espontâneo, com evidente caráter intencional e acusando vontade livre, nisso veremos apenas fenômenos fisiológicos ou óticos.** A mesma observação se aplica a todos os gêneros de manifestações, sobretudo aos ruídos, às pancadas, aos movimentos insólitos dos corpos inertes, que mil e uma causas físicas podem produzir. Repetimos: **enquanto um efeito não for inteligente por si mesmo, e independente da inteligência dos homens, devemos olhá-lo duas vezes antes de os atribuir aos Espíritos**. ([93])

Dessa forma, fica bem definido que se algo for levado à conta de criação fluídica, somente o será se não demonstrar "*movimento próprio, espontâneo, com evidente caráter intencional e acusando vontade livre*", caso contrário deverá ser visto "*apenas [como] fenômeno fisiológico ou ótico*".

Partindo dessa premissa, é imprescindível citarmos o artigo "Manifestação do espírito dos animais", publicado na ***Revista Espírita 1865***, no

mês de maio, no qual o Codificador registra uma carta de um correspondente de Dieppe ([94]), em que narra a aparição de uma cadelinha de nome Mika:

> "Agonizante meu pobre filho, falecido em Boulogne-sur-Mer, onde continuava seus estudos, tivera de um de seus amigos **uma encantadora cadelinha** que havíamos educado com cuidado extremo. Ela era, em sua espécie, a mais adorável criaturinha que fosse possível imaginar. **Nós a amávamos como se ama tudo aquilo que é belo e bom. Ela nos compreendia pelo gesto, nos compreendia pelo olhar. A expressão de seus olhos era tal que parecia que iria responder quando se lhe dirigia a palavra**.
>
> "Depois do decesso de seu jovem dono a pequena Mika (era seu nome) me foi conduzida a Dieppe, e, segundo **seu hábito, ela dormia quentemente coberta aos meus pés, sobre minha cama**. No inverno, **quando o frio maltratava muito, ela se levantava, fazia ouvir um pequeno gemido de uma extrema doçura, o que era a sua maneira habitual de formular um pedido**, [...] Comigo a pobre pequena passava felizes dias. Mil coisas doces não lhe faltavam; mas, **em setembro último, caiu doente e morreu**, [...].

> “Ultimamente, **pelo meio da noite, estando deitado mas não dormindo, ouvi partir do pé de minha cama esse pequeno gemido que produzia a minha pequena cadelinha quando desejava alguma coisa.** [...] Ao levantar-me de manhã, **contei o fato à minha mulher que me disse: ‘Ouvi a mesma voz, não uma única vez, mas duas**. [...].”
>
> “**Minha pobre filha doente**, que tinha sua pequena cama no quarto de dormir de sua mãe, **afirma tê-la ouvido igualmente**. [...].” ([95])

Chamamos a atenção para o fato de que, na sua manifestação, a cadelinha Mika solta um gemido, exatamente como ela fazia quando viva. Esse detalhe, a nosso ver, incontestavelmente prova uma ação inteligente, razão pela qual essa manifestação não pode ser tomada por fenômeno fisiológico, ótico ou criação fluídica ou mental. Continuando o relato:

> “Eu vos confesso, caro senhor, que esses fatos, embora se relacionem a um ser privado de razão, me fazem refletir singularmente. **Que pensar disso? Não ouso nada decidir e não tenho o ócio de**

> **me estender longamente sobre esse assunto; mas me pergunto se o princípio imaterial, que deve sobreviver nos animais, como no homem, não adquiriria, num certo grau, a faculdade de comunicação como a alma humana. Quem sabe? conhecemos todos os segredos da Natureza? Evidentemente não**. Quem explicará as leis das afinidades? quem explicará as leis repulsivas? ninguém. Se a afeição, que é do domínio do sentimento, como o sentimento é do domínio da alma, possui em si uma força atrativa. **Que haveria de espantoso que um pobre animalzinho no estado imaterial se sinta arrastado ali onde sua afeição o leva?** [...] direi somente que ela pode estar nas coisas possíveis, e sem ir mais adiante, **acrescentarei que constato um fato apoiado num tríplice testemunho, e que se esse fato se produziu, foi porque pôde se produzir. Além disso, esperemos que o tempo nos esclareça, não tardaremos talvez a ouvir falar de fenômenos da mesma natureza**." ([96])

Esses questionamentos fazem todo o sentido, especialmente: "*Conhecemos todos os segredos da Natureza?*" e "*que haveria de espantoso que um pobre animalzinho no estado imaterial se sinta*

arrastado ali onde sua afeição o leva?". Ao final diz "*acrescentarei que constato um fato apoiado num tríplice testemunho, e que se esse fato se produziu, foi porque pôde se produzir*".

Dos comentários de Allan Kardec, destacamos:

> Nosso honrado correspondente age sabiamente ao não decidir a questão; **de um único fato que não é ainda senão uma probabilidade, não tira uma conclusão absoluta; ele constata, observa, à espera de que a luz se faça. Assim o quer a prudência. Os fatos desse gênero não são ainda nem bastante numerosos, nem bastante averiguados para deles deduzir uma teoria afirmativa ou negativa**. [...] **Se isso não é uma ilusão, constata pelo menos o laço de afinidade que existe entre o Espírito dos animais, ou melhor de certos animais e o do homem**. [...].
>
> [...] Em todos os casos, se existem pontos de contato entre a alma animal e a alma humana, isso não pode ser, do lado da primeira, senão da parte dos animais mais avançados. **Um fato importante a constatar é que, entre os seres do mundo espiritual, jamais foi feita menção de que existam Espíritos de animais. Pareceria disso resultar que**

> **estes não conservam a sua individualidade depois da morte, e, de um outro lado, essa cadelinha que teria se manifestado, pareceria provar o contrário**.
>
> **Vê-se, segundo isto, que a questão está ainda pouco avançada, e não é preciso se apressar em resolvê-la**. Tendo sido lida a carta acima à Sociedade de Paris, a comunicação seguinte foi dada a este respeito. ([97])

É importante esta consideração do Codificador: "*Os fatos desse gênero não são ainda nem bastante numerosos, nem bastante averiguados para deles deduzir uma teoria afirmativa ou negativa.*"

Julgamos que isso comprova que, na sua percepção, a manifestação de animais não seria algo de todo impossível de acontecer. E, numa das partes que cortamos, ele também afirma que "*Não é pelos sistemas que se pode resolver esta grave questão, é pelos fatos;*", teor que merece reflexão da parte de todos nós.

Ao lembrar que "*entre os seres do mundo espiritual, jamais foi feita menção de que existam*

Espíritos de animais”, Allan Kardec questiona: “*essa cadelinha que teria se manifestado,* ***pareceria*** *provar o contrário*”. Portanto, parece-nos claro que ele não fechou a questão, mas, como homem da lógica que era, deixou espaço aberto para que tais manifestações possam ocorrer, embora não tenha explicado como elas aconteceriam.

Na data de 21/04/1865, um Espírito manifestou-se e fez considerações a essa questão. De sua mensagem, transcrevemos esses trechos que têm relação com o nosso tema:

> (Paris, 21 de abril de 1865. - Médium, Sr. E. Vézy.)
>
> Vou tocar uma grave questão esta noite, **falando-vos das relações que podem existir entre a animalidade e a humanidade**. Mas neste recinto, quando, pela primeira vez, minhas instruções vos ensinaram a solidariedade de todas as existências e as afinidades que existem entre elas, um murmúrio se elevou numa parte desta assembleia, e eu me calei. Deveria fazer o mesmo hoje, apesar de vossas perguntas? Não, uma vez que vais entrar no caminho que eu vos indiquei.
>
> [...].

> **Entre os animais domésticos e o homem as afinidades são produzidas pelas cargas fluídicas** que [...] **é a esta causa somente que poderão ser devidas estas manifestações** que vêm de vos ler. **Não se está, pois, enganado ouvindo um grito alegre do animal e conhecendo os cuidados de seu senhor,** e vindo, antes de passar ao estado intermediário de um desenvolvimento a outro, trazer-lhe uma lembrança. **A manifestação pode, pois, ocorrer, mas ela é passageira, porque o animal, para subir de um degrau, é preciso um trabalho latente que aniquile, para todos, todo sinal exterior de vida**. [...] **Ser-nos-ia, pois, difícil vos falar dos Espíritos de animais do espaço, ele não existe, ou antes sua passagem é tão rápida que é como nula,** e que no estado de crisálida, não poderiam ser descritos. ([98])

Portanto, a manifestação da cadelinha foi dada como verdadeira, embora passageira, conforme argumentado.

Especificamente, quanto à existência de animais no mundo espiritual foi dito que é tão rápida que é quase que é nula a sua permanência por lá, porém não se afirmou que isso seria um obstáculo

intransponível à manifestação de animais.

E finalizando o artigo, Allan Kardec inseriu esta nota:

> [...] **Como explicação do fato precitado, sua teoria é racional e concorda, pelo fundo, com a que prevalece hoje nas instruções dadas na maioria dos centros**. Quando tivermos reunido todos os documentos suficientes, nós os resumiremos em um corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal; até lá não são senão balizas colocadas sobre o caminho para clareá-lo. ([99])

O Codificador fez valer isto que dissera "*contra os fatos, é preciso, necessariamente, abaixar as armas*" ([100]) e fica à espera de que se reúna mais ocorrências, com o objetivo de se aplicar o controle universal, a fim de defini-la positiva ou negativamente.

O que Allan Kardec fez diante desse relato informando a manifestação de espírito de animal? Disse tratar-se de criação fluídica? Não! Ele, como homem de ciência, deixava que os fatos norteassem

tudo.

A possibilidade de Espíritos se apresentarem com a aparência de um animal entra aqui para que se possa separar uma coisa da outra, ou seja, uma possível criação fluídica e de uma real transformação perispirítica.

Do artigo “Das aparições”, publicado na ***Revista Espírita 1858***, mês de dezembro, destacamos o seguinte parágrafo:

> O perispírito, separado do corpo, afeta uma forma determinada e limitada, e essa forma normal é a do corpo humano, mas não é constante; **o Espírito pode dar-lhe, à sua vontade, as aparências mais variadas e até a de um animal** ou de uma chama. De resto, isto se concebe muito facilmente. Não se veem homens darem, ao seu rosto, as expressões mais diversas, imitarem, ao ponto de enganarem, a voz, o rosto de outras pessoas, parecerem corcundas, coxos, etc.? Quem reconheceria na cidade certos atores que não se vira senão caracterizado no palco? Se, pois, o homem pode assim dar ao seu corpo material e rígido aparências tão contrárias, **com mais forte razão o Espírito pode fazê-lo com um envoltório**

> **eminentemente flexível, e que pode prestar-se a todos os caprichos da vontade**. ([101])

Do item 100 de ***O Livro dos Médiuns***, ressaltamos a seguinte questão:

> 30. *Os Espíritos* ***poderiam apresentar-se sob a forma de animais****?*
>
> "Isto **pode acontecer, mas somente Espíritos muito inferiores tomam essas aparências.** Em todos os casos, **a forma animalesca não passará de uma aparência momentânea**, pois seria absurdo acreditar que um animal verdadeiro, qualquer que seja, pudesse ser a encarnação de um Espírito. Os animais são sempre animais e nada mais do que isto." ([102]) (itálico do original)

E, finalizando, trazemos o seguinte parágrafo do comentário de Allan Kardec após a narrativa de "As visões do Sr. O.", publicada na ***Revista Espírita 1861***, mês de julho:

> Parece-nos que há o suficiente para nos permitir apreciá-las e [...] determinar o

> caráter da alucinação, compreenderão a analogia que ela tem com as figuras que muitas vezes se apresentam em estados de sonolência, e que devem ter as mesmas causas; disto estamos convencidos pelo simples fato da multidão de animais que ele viu. **Sabe-se que não há Espíritos de animais errantes no mundo invisível** e que, conseguintemente, **não pode haver aparições de animais, salvo o caso em que um Espírito fizesse surgir uma aparência desse gênero, com um fim determinado**, o que não deixaria de ser sempre uma aparência, e não o Espírito real, de tal ou qual animal. **O fato das aparições é incontestável**, mas é preciso guardar-se de vê-las em toda parte e de tomar como tais o jogo de certas imaginações facilmente exaltáveis, ou a visão retrospectiva das imagens impressas no cérebro. […]. ([103])

Temos aí, nessas transcrições, a evidente possibilidade de um Espírito inferior apresentar-se com a aparência de um animal. Porém, será uma ocorrência momentânea. Isso nos leva a concluir que, sempre que acontece, o Espírito manifestante, ao assumir uma forma animalesca, quer “assombrar” alguém, talvez, um seu desafeto.

Assim, essa ocorrência deve ser rara e facilmente identificada ao se analisar as circunstâncias e levando-se em conta o período de tempo em que se deu.

Os alimentos no mundo espiritual

Esse tema mereceu de nossa parte uma pesquisa à parte, registrada no ebook ***Recém-desencarnados: alimentação e repouso*** ([104]), mas, aqui, apresentaremos, pelo menos, duas fontes que mencionam isso e cuja data de publicação é anterior às das obras de André Luiz.

Da obra ***Raymond: Uma Prova da Existência da Alma*** (1916), de Sir Oliver Lodge, destaco:

> Ele [referência a Raymond] diz que agora não tem necessidade de comer. Mas vê pessoas que a têm; diz que a essas é **dado alguma coisa com as aparências dos alimentos terrestres.** As criaturas daqui procuram prover-se de tudo que é preciso. Um camarada chegou outro dia e quis um charuto. Julgou que eles jamais poderiam fornecer-lhe isso. Mas **há aqui laboratórios que manufaturam todo tipo de coisas**. Não como fazem na terra, com a matéria sólida, mas com essências, éteres, gases.

[...].

Logo que chegam querem coisas. Alguns querem carne; outros bebidas fortes; pedem whisky com soda. Não pense que estou exagerando, quando digo que aqui podem manufaturar estas coisas. [...]. ([105])

Em ***A Crise da Morte*** (1930) (Maltese), Ernesto Bozzano, analisa 30 casos, destes destacamos estes dois:

a) Caso XII:

"Outra pergunta que surge naturalmente entre vocês é a seguinte: **Come-se e bebe-se no mundo espiritual? Não, com certeza, da maneira pela qual vocês todos satisfazem tais necessidades corporais** (que infelicidade para mim, que gostava tanto!). **De qualquer maneira, o 'corpo etéreo' em tudo correspondente ao 'corpo carnal': ainda conserva órgãos digestivos parecidos, mas não idênticos, aos terrenos**; isso significa que no 'plano astral' o corpo ainda está longe de ser perfeito. Tampouco pode sê-lo enquanto se permanece em um 'plano de existência' tão próximo do mundo dos vivos. Disso resulta que **ele conserva ainda alguma afinidade com o plano físico: embora ele não exija mais alimentos sólidos,**

tem ainda necessidade de assimilar essências e líquidos especiais para este 'plano espiritual', os quais nós ingerimos em formas condensadas de natureza etérea." ([106])

b) Caso XVI:

"Uma das diferenças entre a vida terrena e a vida na Esfera espiritual em que me encontro consiste no fato de que **nós não temos mais necessidade de nos alimentar do modo como ocorre no ambiente terreno**. Precisamos apenas de alimento espiritual, e há em nós um instinto que nos direciona facilmente nesse sentido. Disso resulta que se tal alimento não fosse fácil de obter, surgiriam entre nós competições e brigas para consegui-lo. No entanto, **felizmente está à disposição de todos aqueles que dele precisam... Eu, particularmente, continuo a me alimentar** ou seja, a me interessar da complexa corrente de aspirações ideais pela qual tanto me interessava quando vivo, pois sei que quando chegar a quebrar o invólucro desta preciosa avelã, a avelã se tornará parte integrante de mim mesmo, com a consequência que o meu apetite ficará plenamente satisfeito... [...]." ([107])

São informações interessantes que, oportunamente, veremos se é possível confirmá-las

em outras fontes. Porém, até aqui fica claro que os alimentos são criações fluídicas objetivas e que, após ingeridos, dão a sensação de ter se alimentado mesmo.

A visão de Santa Teresa d'Ávila

Santa Teresa d'Ávila viu em uma visão: as almas daqueles que se confessavam mal sofriam no Inferno.

A visão de Santa Teresa d'Ávila, conhecida como Santa Teresa de Jesus ([108]), mencionada por Allan Kardec na obra *O Céu e o Inferno*, à primeira vista, parece ser desfavorável às construções e cidades no mundo espiritual – razão pela qual se faz necessário examiná-la mais de perto, a fim de conhecer seus detalhes.

A bem da verdade, ainda não havíamos nos interessado em verificar o que o Codificador disse, especialmente com o intuito de observar todo o contexto – e não apenas trechos, como muitas vezes se faz por aí. Mas, a ideia de ver "*in loco*" surgiu – aliás, estava mesmo nos perseguindo, se assim podemos nos expressar.

Na obra ***O Céu e o Inferno***, primeira parte, capítulo “IV – O inferno”, tópico “Descrição do inferno cristão”, item 12, Allan Kardec menciona Santa Teresa d’Ávila no seguinte trecho:

> [...] Há, contudo, **teólogos mais ousados ou mais esclarecidos que dão do inferno descrições mais detalhadas, variadas e completas**. E embora não se saiba em que lugar do Espaço está situado esse inferno, **há santos que o viram**. Eles **não foram lá** com a lira na mão, como Orfeu ([109]), ou de espada em punho, como Ulisses ([110]), mas **transportados em Espírito**.
>
> **Santa Teresa** ([111]) **é desse número**. De acordo com a narrativa da santa, **haveria cidades no inferno**; ela aí viu, pelo menos, uma espécie de viela longa e estreita como essas que existem em velhas cidades; **percorreu-a horrorizada, caminhando sobre terreno lodoso e fétido, no qual pululavam monstruosos répteis**. Foi, porém, **detida em sua marcha por uma muralha que interceptava a viela**; abrigou-se num nicho da muralha, sem saber explicar a ocorrência. Era, diz ela, o lugar que lhe destinavam se abusasse, em vida, das graças concedidas por Deus em sua cela de Ávila.
>
> Apesar da facilidade maravilhosa que

tivera em penetrar esse nicho de pedra, não podia sentar-se, ou deitar-se, nem se manter de pé. Tampouco podia sair. Essas paredes horríveis, abaixando-se sobre ela, envolviam-na, apertavam-na como se fossem animadas de movimento próprio. Parecia-lhe que a afogavam, estrangulando-a, ao mesmo tempo que a esfolavam viva e a retalhavam em pedaços. Ao sentir queimar-se, experimentou, igualmente, toda sorte de angústias. Sem esperança de socorro, **tudo era trevas à sua volta**, embora percebesse não sem pavor, através dessas trevas, a hedionda viela em que se achava, com a sua imunda vizinhança. Este espetáculo era-lhe tão intolerável quanto os apertos da prisão. ([112])

Esse não passava, certamente, de um pequeno recanto do inferno. **Outros viajantes espirituais** foram mais favorecidos. **Viram grandes cidades** no inferno completamente tomadas pelo fogo: **Babilônia e Nínive**, a própria **Roma**, com seus palácios e templos incendiados e seus habitantes acorrentados. Viram também traficantes em suas bancas, sacerdotes reunidos com cortesãos em salas de festim, chumbados às suas cadeiras e levando aos lábios, em gritos desesperados, rubras taças chamejantes; criados genuflexos em cloacas ([113]) ferventes, braços distendidos, e príncipes de cujas mãos escorria em lava devoradora o ouro derretido. **Outros viram**

> **no inferno planícies sem-fim,** cultivadas por camponeses famintos, que, nada colhendo desses campos fumegantes, dessas sementes estéreis, se entredevoravam, dispersando-se em seguida, tão numerosos como antes, magros, vorazes e em bando, indo procurar ao longe, em vão, terras mais felizes, sendo logo substituídos por outras **colônias errantes de condenados**. Há também os que viram no inferno **montanhas** repletas de precipícios, **florestas** que gemiam, **poços** secos, **fontes** alimentadas de lágrimas, **rios** de sangue, **turbilhões de neve** em desertos de gelo, **barcas** tripuladas por desesperados, singrando mares onde a terra nunca surgia. Em suma, viram tudo o que viam os pagãos: um lúgubre reflexo da Terra, com suas misérias grandemente aumentadas, seus sofrimentos naturais eternizados, e até calabouços, patíbulos e instrumentos de tortura forjados por nossas próprias mãos. ([114])

Na nota 110, transcrevemos a seguinte explicação do Codificador: "*Nesta visão se reconhecem* ***todas as características dos pesadelos****, sendo provável que fosse deste gênero de fenômenos o acontecido a Santa Teresa*."

Eis aí o que, inadvertidamente, se tende a

aplicar a todos os casos que citam construções ou cidades do mundo espiritual, tomando tudo à conta de "*características dos pesadelos*".

Mas, para evitar equívocos, é indispensável considerar o contexto – por isso retornamos à obra ***O Céu e o Inferno*** para analisar o conteúdo do item 15, situado um pouco mais à frente do anterior e que encerra o capítulo:

> 15. **É de perguntar-se como alguns homens foram capazes de ver essas coisas em estado de êxtase, quando elas de fato não existem**. Não cabe aqui explicar a origem das imagens fantásticas, tantas vezes reproduzidas com todas as aparências de realidade. Diremos apenas ser preciso considerar, em princípio, que **o êxtase é a menos segura de todas as revelações** ([115]) **porque o estado de superexcitação nem sempre implica um desprendimento tão completo da alma que se imponha à crença absoluta, denunciando muitas vezes o reflexo de preocupações da véspera**.
>
> **As ideias com que o Espírito se nutre** e das quais o cérebro, ou melhor, o envoltório perispiritual que a este corresponde, conserva a forma ou a estampa, **se reproduzem amplificadas**

> **como em uma miragem**, sob formas vaporosas que se cruzam, se confundem e compõem um todo extravagante. **Os extáticos de todos os cultos sempre viram coisas relacionadas com a fé que possuíam. Nada há, pois, de extraordinário que Santa Teresa e outros, tanto quanto ela saturados de ideias infernais pelas descrições, verbais ou escritas, hajam tido visões, que não são, propriamente falando, mais que reproduções por efeito de um pesadelo.** Um pagão fanatizado teria antes visto o Tártaro e as Fúrias, ou Júpiter, no Olimpo, empunhando o raio. ([116])

Dessa explicação concluímos que a visão de Santa Teresa d'Àvila foi produto de um estado de êxtase. Portanto, algo bem específico, que não poderá ser generalizado para todos aqueles que, em algum estado de emancipação da alma, testemunham construções no mundo espiritual.

Entendemos que, nos casos de revelações provindas de inúmeros Espíritos a respeito de construções e cidades, não faz sentido apresentar essa visão de Santa Teresa para negá-las, porquanto são situações completamente diferentes.

Em nota, Allan Kardec citou as questões 443 e 444 de ***O Livro dos Espíritos***, razão pela qual é necessário examinarmos o conteúdo dessas perguntas e suas respectivas respostas:

> 443. *Há coisas que o* ***extático*** *pensa ver, mas que, evidentemente, resultam de uma imaginação abalada pelas crenças e preconceitos terrenos. Assim, nem tudo o que ele vê é real?*
>
> "O que ele vê é real para ele, mas, como **o seu Espírito está sempre sob a influência das ideias terrenas**, pode ver à sua maneira, ou, melhor dizendo, **pode exprimir o que viu numa linguagem condizente com os seus preconceitos e as ideias em que foi criado**, ou com os vossos preconceitos, a fim de ser mais bem compreendido. É sobretudo nesse sentido que ele pode errar."
>
> 444. *Qual o grau de confiança que se pode depositar nas revelações dos extáticos?*
>
> "**O extático pode enganar-se com muita frequência**, sobretudo quando quer penetrar naquilo que deve continuar a ser mistério para o homem, porque, então, **se deixa levar por suas próprias ideias, ou se torna joguete de Espíritos**

> **enganadores que se aproveitam de seu entusiasmo para o fascinar**." ([117]) (itálico do original)

Não podemos nos esquecer que, em *O Livro dos Espíritos*, livro segundo, capítulo "VIII – Emancipação da alma", essas duas questões estão inseridas no tópico "Êxtase". Portanto, para interpretar as respostas, por absoluta questão de lógica, não poderemos nos afastar desse contexto.

A visão de Santa Teresa d'Ávila como um produto de êxtase também poderá ser corroborada neste trecho do item 27, do capítulo "XIV – Os fluidos" de ***A Gênese***:

> [...] É assim que **o pensamento de pessoas fortemente imbuídas de certas crenças religiosas** e com elas preocupadas lhes apresenta o inferno, suas fornalhas, suas torturas e seus demônios, tais quais essas pessoas os imaginam. Às vezes, é toda uma epopeia. Os pagãos viam o Olimpo e o Tártaro, como os cristãos veem o inferno e o paraíso. Se, ao despertarem ou **saírem do êxtase**, **conservam lembrança exata de suas visões, tais pessoas as tomam como realidades**

> **confirmativas de suas crenças, quando tudo não passa de produto de seus próprios pensamentos**. ([118]) **É preciso, pois, que se faça uma distinção muito rigorosa nas visões extáticas, antes de se dar crédito a elas**. A tal propósito, o remédio para a excessiva credulidade é o estudo das leis que regem o mundo espiritual. ([119])

Temos aí o retrato da realidade que, sem dúvida, nos permite inferir – ao menos em princípio – que a visão de Santa Teresa foi um pesadelo, fruto de sua fixação mental em torno da ideia de inferno.

E por que dizemos "em princípio"? Veja bem, caro leitor: é perfeitamente possível que adeptos das religiões tradicionais tenham visões do inferno, dado o peso simbólico e emocional que esse conceito carrega. No entanto, enxergar ali elementos que vão além do fogo perpétuo – como cidades, vielas, mercados e palácios – já são "outros quinhentos", como se costuma dizer popularmente.

Conclusão

Uma coisa é uma criação fluídica no mundo material, que, certamente, terá caráter temporário, uma vez que o que ela produz não faz parte das leis que vigoram nesse plano. Julgamos, porém, que qualquer criação fluídica do mundo espiritual em que será usado o fluido cósmico universal como sua fonte deve ser vista com outros olhos, podendo, por lógica, ter uma “vida” bem mais longa, que, certamente, dependerá da força do pensamento e da vontade do Espírito que a produziu.

Resumidamente, diremos que, em nossa pesquisa, apesar da possibilidade de terem mais, detectamos quatro tipos de criações fluídicas quanto ao aspecto de seu resultado:

1º) a nível do perispírito (tangibilidade, transfiguração, vestimentas, deformidades, zoantropia, etc.);

2º) imagens do pensamento (imagens do que

está pensando, sonhos, alucinações);

3º) realizadas no plano físico (objetos que estava acostumado a usar, tabaqueira, charuto, etc.);

4º) as produzidas no plano espiritual (construções em geral, casas, moradias, hospitais, etc.)

A nível do perispírito não temos dúvida de que se revestem de um caráter temporário.

Em relação às produzidas no plano espiritual, com a matéria própria dele, é preciso deixar bem claro: por que teriam esse caráter temporário? Não faz sentido, uma vez que *"A vida espiritual é, realmente, a verdadeira vida, é a vida normal do Espírito"* ([120]).

E, finalizando, reportamos a esta frase de Allan Kardec, constante do artigo "Dos homens duplos e das aparições de pessoas vivas", publicado em ***Obras Póstumas***:

> [...] **O mundo invisível é um campo ainda novo de observações e seríamos**

> **presunçosos se pretendêssemos haver sondado todas as suas profundezas**, quando incessantemente novas maravilhas se ostentam aos nossos olhos. [...]. ([121])

Que possamos refletir sobre o que pensamos e nos perguntemos: Por ventura, estaremos sendo presunçosos quanto ao alcance e poder dos Espíritos relativamente às criações fluídicas?

Referências bibliográficas

BAUMARD, C. ***Léon Denis na Intimidade***. Matão (SP): O Clarim, 1981 (?).

BOZZANO, E. ***A Crise da Morte***. São Paulo: Maltese, 1991.

BOZZANO, E. ***Fenômenos de "Transporte"***. São Paulo: FEESP, 1995.

DELANNE, G. ***A Alma é Imortal***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

DELANNE, G. ***As Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos. Tomo I: Os Fantasmas dos Vivos***. Limeira (SP): Editora do Conhecimento, 2023.

DENIS, L. ***Depois da Morte***. Rio de Janeiro: CELD, 2000.

DENIS, L. ***Depois da Morte***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

FONSECA, A. F., SAMPAIO, J. e MILANI, M. ***O Espiritismo, as Ciências e a Filosofia***. São Paulo: CCDPE-ECM, 2014.

KARDEC, A. ***A Gênese***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***Instrução Prática Sobre as Manifestações dos Espíritos***. (PDF) Brasília: FEB, 2012.

KARDEC, A. ***O Céu e o Inferno***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos***. São Paulo: Mundo Maior, 2012.

KARDEC, A. ***O Livro dos Médiuns***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***Obras Póstumas****.* Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1858***. Araras (SP): IDE, 2001.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1859*** (PDF). Brasília: FEB, 2008.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1859***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1860****,* Sobradinho (DF): Edicel, 2011.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1861***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1863***. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1864***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1865***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1865***. (PDF). Brasília: FEB, 2008.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1866***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1868***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1869***. Araras (SP): IDE,

2001.

KARDEC, A. ***Revue Spirite 1865*** (PDF). Paris: USFeF, 2004.

LAVARINI, C. ***Geografia(s) do mundo espiritual***. In FONSECA, SAMPAIO e MILANI, *O Espiritismo, as Ciências e a Filosofia*, p. 171-203.

LODGE, O. ***Raymond – Uma Prova da Existência da Alma***. São Paulo: LAKE, 2012.

PALHANO JR., L. ***Dicionário de Filosofia Espírita***. Rio de Janeiro: CELD, 2004.

SCHUTEL, C. ***A Vida no Outro Mundo***. Matão (SP): O Clarim, 2011.

Internet:

Capa: https://www.institutofreedom.com.br/blog/wp-content/uploads/2015/12/sonhos_importancia-1.jpg. Acesso em: 05 jul. 2023.

AMAZON, *Sir William Fletcher Barrett*, disponível em: https://www.amazon.com/Threshold-Unseen-William-Barrett/dp/1908733705. Acesso em: 26 jun. 2023.

CCDPE-ECM, *9º ENLIHPE – Encontro Nacional da Liga de Pesquisadores do Espiritismo*, disponível em: https://ccdpe.org.br/9o-enlihpe/. Acesso em: 28 jun. 2025.

CCEPE-ECM, *10º ENLIHPE – Encontro Nacional da Liga de Pesquisadores do Espiritismo*, disponível em: https://ccdpe.org.br/10o-enlihpe/. Acesso em: 28 jun. 2025.

PINOCK, S. e CAMBERLAIN, K. *Júpiter – temperatura, composição e fatos interessantes*, disponível em: https://study.com/academy/lesson/facts-about-jupiter-atmosphere-temperature-mass.html#:~:text=A%20%C3%B3rbita%20de%20J%C3%BApiter%20est%C3%A1,C%20(%2D160%20%C2%B0F. Acesso em: 17 jun. 2025.

QUEM DISSE, *Provérbio português*, disponível em: https://quemdisse.com.br/frase/ser-mais-realista-que-o-rei/67038/. Acesso em: 30 ago. 2023.

SANTA TERESA D'ÁVILA, *Visão do inferno*, disponível em: http://www.aascj.org.br/home/wp-content/uploads/2015/09/Santa-Teresa-d%C3%81vila-viu-as-almas-daqueles-que-se-confessavam-mal-no-Inferno.-694x1024.jpg. Acesso em: 14 mar. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *O Espiritismo Ainda Não Tem Ponto Final,* disponível em: https://paulosnetos.net/article/o-espiritismo-ainda-nao-tem-ponto-final-ebook. Acesso em: 13 mar. 2025.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/animais-percepcoes-manifestacoes-e-evolucao-os-ebook. Acesso em: 21 ago. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Recém-desencarnados: alimentação e repouso*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/recem-desencarnados-alimentacao-e-repouso. Acesso em: 13 mar. 2025.

WIKIPÉDIA, *Dieppe*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dieppe. Acesso em: 13 mar. 2025.

WIKIPÉDIA, *Teresa d'Ávila*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teresa_de_%C3%81vila. Acesso em: 13 mai. 2023.

Dados biográficos do autor

Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** – Grupo de Apologética Espírita (https://apologiaespirita.com.br/), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (https://paulosnetos.net) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa;* 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?;* 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas;* 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica;* 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação;* 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários – Vol. I;* 7) *Espiritismo e Aborto; 8) Chico Xavier: Uma Alma Feminina* e 9) *Perispírito: Provas Científicas de Ser o Molde do Corpo Físico*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários – Vol. II, 2) Kardec & Chico: 2 Missionários – Vol. III;* 3) *Racismo em Kardec?;* 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A*

Reencarnação Tá na Bíblia; 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem);* 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso;* 8) *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?;* 9) *Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta;* 10) *Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?;* 11) *A Mulher na Bíblia;* 12) *Todos Nós Somos Médiuns?;* 13) *Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas;* 14) *O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito;* 15) *Allan Kardec e a Lógica da Reencarnação*; 16) *O Fim dos Tempos Está Próximo?;* 17) *Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves;* 18*) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?;* 19) *A Aura e os Chakras no Espiritismo;* 20) *Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?;* 21) *Espiritismo: Religião Sem Dúvida;* 22) *Allan Kardec e Suas Reencarnações*; 23) *Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?*; 24) *EQM: Prova da Sobrevivência da Alma;* 25) *A Perturbação Durante a Vida Intrauterina;* 26) *Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução;* 27) *Reencarnação e as Pesquisas Científicas;* 28) *Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia)*; 29) *Haveria Fetos Sem Espírito?*; 30) *Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos*; 31) *Herculano Pires Diante da Revista Espírita;* 32) *Allan Kardec: Sua Mediunidade e os Fenômenos Que Protagonizou;* 33) *A Pesquisa de Ernesto Bozzano Confirma e Complementa a Codificação Espírita* e 34) *Se Não Consta na Codificação, Não Existe*.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

1 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 64.

2 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 342.

3 PINOCK e CAMBERLAIN, Júpiter – temperatura, composição e fatos interessantes, disponível em: https://study.com/academy/lesson/facts-about-jupiter-atmosphere-temperature-mass.html#:~:text=A%20%C3%B3rbita%20de%20J%C3%BApiter%20est%C3%A1,C%20(%2D160%20%C2%B0F)

4 PALHANO JR., *Dicionário de Filosofia Espírita,* p. 132.

5 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 159.

6 KARDEC, *Instrução Prática Sobre as Manifestações dos Espíritos*, Vocabulário Espírita, p. 19.

7 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, Mundo Maior, p. 18.

8 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 28-30.

9 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 58.

10 KARDEC, *A Gênese*, p. 40.

11 SILVA NETO SOBRINHO, *O Espiritismo Ainda Não Tem Ponto Final*, link: https://paulosnetos.net/article/o-espiritismo-ainda-nao-tem-ponto-final-ebook

12 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 122.

13 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 387.

14 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 64.

15 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 60.

16 QUEM DISSE, *Provérbio português,* disponível em: https://quemdisse.com.br/frase/ser-mais-realista-que-o-rei/67038/

17 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 197.

18 Para esse trecho, fomos forçados a buscar outra tradução, uma vez que a do IDE, que estávamos usando, consta “pela criança”, mas julgamos que não faz sentido algum no contexto.

19 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, FEB, p. 301-302.

20 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, 197-198.

21 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 200-206.

22 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 203.

23 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 184-189.

24 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 188.

25 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 211.

26 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 216.

27 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 217.

28 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 106.

29 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 143 e 144.

30 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 102.

31 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 140.

32 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 138.

33 As questões de 1 a 18 do item 128 e o item 129, que segue, correspondem às questões 2 a 26 da *Revista Espírita 1859*.

34 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, cap. VIII, itens 126 e 127, p. 137-138.

35 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, cap. VIII, item 128, q. 1 a 5, p. 137-138.

36 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, cap. VIII, item 128, q. 6 a 18, p. 138-142.

37 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 244.

38 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, cap. XX, item 148, p. 161-162.

39 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 344-345.

40 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 160.

41 KARDEC, *Revue Spirite 1865*, USFeF – PDF, p. 164.

42 KARDEC, *Revista Espírita 1865,* FEB – PDF*,* p. 219.

43 KARDEC, *A Gênese*, cap. XI, tópico “Encarnação dos Espíritos”, item 17, p. 181.

44 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 208.

45 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 262.

46 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 241-242.

47 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 243-246.

48 Nota da transcrição (N.T.): N.E.: Os gases são exemplo desse fluido, invisíveis, embora possam ser detectados e pesados.

49 N.T.: Nota de Allan Kardec: A denominação de fenômeno psíquico exprime com mais exatidão o pensamento do que a de fenômeno espiritual, considerando-se que esses fenômenos repousam sobre as propriedades e os atributos da alma, ou melhor, dos fluidos perispiríticos, inseparáveis da alma. Esta qualificação os liga mais intimamente à ordem dos fatos naturais regidos por leis; pode-se, pois, admiti-los como efeitos psíquicos, sem os admitir a título de milagres.

50 N.T.: N.E.: Hoje, sabemos que a matéria parece ser compacta e impenetrável em razão da repulsão elétrica que existe entre os átomos que a constituem, impedindo que os seres e objetos materiais se interpenetrem. No mais, a massa do átomo se concentra no seu núcleo, seríamos então um grande aglomerado de moléculas.

51 KARDEC, *A Gênese*, cap. XIV, I. Natureza e propriedade dos fluidos, tópico “Elementos fluídicos”, itens 1 a 12, p. 233-236.

52 Nota de Allan Kardec: Veja-se, acima, o item 14.

Como usamos a *Revista Espírita* o item citado corresponde aos parágrafos 2 a 5 do item seguinte, que, para facilitar, os numeramos: 14-1º a 14-4º.

53 Nota de Allan Kardec: É assim que se podem explicar as visões da irmã Elmerich que, reportando-se ao tempo da paixão do Cristo, diz ter visto coisas materiais que

nunca existiram, a não se nos livros que ela leu; as da Sra. Cantianille B... (*Revista Espírita*, agosto de 1866), e em parte das visões de Swedenborg.

54 Nota de Allan Kardec: Veja-se, mais adiante, o cap. XVI, Teoria da presciência, itens 1 a 3.

55 Nota de Allan Kardec: Revista espírita, junho e setembro de 1866; O livro dos espíritos, questão 400.

56 KARDEC, *A Gênese*, cap. XIV, II. Explicação de alguns fenômenos considerados sobrenaturais, tópico "Vista espiritual ou psíquica. Dupla vista. Sonambulismo. Sonhos, itens 22 a 28, p. 248-249.

57 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 161.

58 N.E.: As materializações prolongadas, quais as verificadas por William Crookes, não eram, então, conhecidas. *Vide* no livro editado pela FEB, as interessantes experiências com o Espírito Katie King.

59 N.E.: (Do grego *a*, privativo, e *géiné*, *géinomaï*, gerar; que foi gerado) Variedade de aparição tangível; estado de certos Espíritos, quando temporariamente revestem as formas de uma pessoa viva, a ponto de produzirem completa ilusão. ("Vocabulário espírita" de O Livro dos Médiuns)

60 N.E.: Segundo a *Bíblia*, este fato se deu na família de Tobias. (ver *O livro de Tobias*)

61 KARDEC, *A Gênese,* p. 253.

62 KARDEC, *A Gênese*, cap. XIV, I. Natureza e propriedade dos fluidos, tópico "Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas. Fotografia do pensamento", itens 13-15, p. 240-242.

63 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 167-170.

64 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 77-78.

65 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 102.

66 RODRIGUES, Prefácio Explicativo. in. BAUMARD, *Léon Denis na Intimidade*, p. 24; e BAUMARD, *Léon Denis na Intimidade*, p. 266.

67 DENIS, *Depois da Morte*, p. 331.

68 KARDEC, *A Gênese*, p. 118.

69 DENIS, *Depois da Morte – FEB*, p. 223.

70 DELANNE, *A Alma é Imortal*, p. 289.

71 DELANNE, *A Alma é Imortal*, p. 297-299.

72 DELANNE, *Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos. Tomo I: Os Fantasmas dos Vivos*, p. 158.

73 SCHUTEL, *A Vida no Outro Mundo*, p. 113-114.

74 O 9º ENLIHPE ocorreu nos dias 24 e 25 de agosto de 2013, em São Paulo e o 10º ENLIHPE ocorreu nos dias 30 e 30 de agosto de 2014, em São Paulo (fontes: https://ccdpe.org.br/9o-enlihpe/ e https://ccdpe.org.br/10o-enlihpe/, respectivamente)

75 Na verdade, a obra original em italiano são relatados trinta casos conforme edição da Maltese; não sabemos por quais motivos a FEB só citou dezessete.

76 N.T.: Convém notar, entretanto, que as obras da Codificação tiveram, além do Controle Universal do Ensino dos Espíritos, a supervisão de Espíritos Puros, como o Espírito da Verdade, o que deu à Doutrina a característica da Terceira Revelação ou o Consolador prometido por Jesus (KARDEC, 1974)

77 LAVARINI, *Geografia(s) do mundo espiritual*. In FONSECA, SAMPAIO e MILANI, *O Espiritismo, as Ciências e a Filosofia*, p. 188.

78 Sir William Fletcher Barrett (10 de fevereiro de 1844 – 26 de maio de 1925) foi professor de física no Royal College of Science de Dublin de 1873 a 1910 e um dos ilustres pesquisadores psíquicos iniciais. Ele foi fundamental na fundação da Society for Psychical Research (SPR) em 1882, servindo como vice-presidente e editor do Society's Journal durante seu primeiro ano e

tornou-se presidente em 1904. (https://www.amazon.com/Threshold-Unseen-William-Barrett/dp/1908733705)

79 BOZZANO, *Pensamento e Vontade,* p. 120.

80 BOZZANO, *A Crise de Morte,* p. 20-21.

81 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 21-23.

82 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 40-41.

83 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 131-132.

84 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 134.

85 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 174-175.

86 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 175-176.

87 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 204-205.

88 BOZZANO, *A Crise de Morte*, p. 239-240.

89 Esse capítulo tem muito do teor constante do ebook "*Animais: percepções, manifestações e evolução*", link: https://paulosnetos.net/article/animais-percepcoes-manifestacoes-e-evolucao-os-ebook

90 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 273-274.

91 KARDEC, *O Livro dos Médiuns,* p. 313.

92 KARDEC, *A Gênese*, p. 241.

93 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 54

94 Dieppe ou, na sua forma portuguesa, Diepa é uma comuna francesa na região administrativa da Normandia, no departamento do Sena Marítimo. (WIKIPÉDIA)

95 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 129-130.

96 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 130-131.

97 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 131-132.

98 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 132-133.

99 KARDEC, *Revista Espírita 1865,* p. 133-134.

100 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 253.

101 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 322.

102 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 114.

103 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 215.

104 SILVA NETO SOBRINHO, R*ecém-desencarnados: alimentação e repouso*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/recem-desencarnados-alimentacao-e-repouso

105 LODGE, *Raymond – Uma Prova da Sobrevivência da Alma*, p. 120-121.

106 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 88.

107 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 123.

108 Teresa d'Ávila, O.C.D., conhecida como Santa Teresa de Jesus (28 de março de 1515 – 4 de outubro de 1582),[5] nascida Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada, foi uma freira carmelita, mística e santa católica do século XVI, importante por suas obras sobre a vida contemplativa e espiritual e por sua atuação durante a Contrarreforma. Foi também uma das reformadoras da Ordem Carmelita e é considerada cofundadora da Ordem dos Carmelitas Descalços, juntamente com São João da Cruz. (WIKIPÉDIA, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teresa_de_%C3%81vila)/; fonte da imagem: http://www.aascj.org.br/home/wp-content/uploads/2015/09/Santa-Teresa-d%C3%81vila-viu-as-almas-daqueles-que-se-confessavam-mal-no-Inferno.-694x1024.jpg

109 N.E.: Filho de Apolo e da musa Calíope, recebeu de seu pai, como presente, uma lira e aprendeu a tocar com tal perfeição que nada podia resistir ao encontro de sua música.

110 N.E.: Filho de Laerte (ou de Sísifo) e de Anticleia, marido de Penépole, pai de Telêmaco, era rei de duas ilhas do mar Jônio, Ítaca e Dulíquio. Elaborou o estratagema do cavalo de Troia.

111 N.E.: Teresa d'Ávila (1515-1582). Realizou a reforma da Ordem das Carmelitas. Teresa d'Ávila viveu muitas vezes o fenômeno de levitação.

112 Nota de Allan Kardec: Nesta visão se reconhecem todas as características dos pesadelos, sendo provável que fosse deste gênero de fenômenos o acontecido a Santa Teresa.

113 N.E.: Lugar imundo, cheio de matérias fecais.

114 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 55-57;

115 Nota de Allan Kardec: Veja-se *O Livro dos Espíritos*, questões 443 e 444.

116 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 61.

117 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 220-221.

118 Nota de Allan Kardec: É assim que se podem explicar as visões da irmã Elmerich que, reportando-se ao tempo da paixão do Cristo, diz ter visto coisas materiais que nunca existiram, a não ser nos livros que ela leu; as da Sra. Cantianille B… (*Revista espírita*, agosto de 1866), e uma parte das visões de Swedenborg.

119 KARDEC, *A Gênese*, p. 249.

120 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XXIII, item 8, p. 285.

121 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 88.